

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA  
MESTRADO

DÉBORA ALVES DE AMORIM

**A avaliação de valores humanos por meio do Teste de  
Associação Implícita**

RECIFE

2016

DÉBORA ALVES DE AMORIM

**A avaliação de valores humanos por meio do Teste de  
Associação Implícita**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva- UFPE como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração:** Desenvolvimento Cognitivo

**Orientador:** Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno

**Coorientador:** Prof. Dr. Erick Francisco Quintas Conde

RECIFE

2016

Catálogo na fonte  
Biblioteca Maria do Carmo de Paiva, CRB-4 1291

A524a Amorim, Débora Alves de.  
A Avaliação de valores humanos por meio do Teste de Associação Implícita / Débora Alves de Amorim. – 2016.  
90 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno.

Coorientador: Prof. Dr. Erick Francisco Quintas Conde.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2016.  
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Valores. 3. Testes psicológicos. 4. Schwartz, Shalom H. I. Bueno, José Maurício Haas (Orientador). II. Conde, Erick Francisco Quintas (Coorientador). III. Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-37)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Débora Alves de Amorim

“A Avaliação de Valores Humanos por Meio do Teste de Associação Implícita”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestra.  
Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 24 de fevereiro de 2016

### Banca Examinadora

Dr. José Maurício Haas Bueno  
Instituição: U.F.P.E

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dr. Everson Cristiano de Abreu Meireles  
Instituição: U.F.R.B.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dra. Renata Maria Toscano Barreto Lyra Nogueira  
Instituição: U.F.P.E

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Dedico este mestrado ao meu pai, **Rui Amorim**(*in memoriam*), a minha mãe, **Aparecida** e a minha irmã, **Bárbara**, meus maiores incentivadores e exemplos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ser mestre em Psicologia cognitiva. Este sonho desabrochou no meu coração logo ao fim da graduação e realiza-lo implicava em distanciar-me da minha amada cidade, Petrolina, e de tudo o que ela representa na minha vida: família, segurança, conforto e amor. Enfrentei. A construção desta etapa em minha vida envolveu conquistas e sacrifícios, sorrisos e lágrimas. Fui abençoada com a graça de passar por cada uma dessas emoções com o auxílio de pessoas muito especiais. Dificilmente se conquista algo sozinho e este trabalho é fruto de apoio e esforços coletivos.

Primeiramente, agradeço a Deus, a fé que deposito Nele foi meu sustentáculo e me fez acreditar que tudo posso e que nada acontece por acaso. Sua graça e misericórdia se fizeram e fazem presente em cada minuto da minha existência e a Ele toda honra e toda a glória.

Ao meu amado pai, Rui Amorim, grande incentivador de sonhos, homem que demonstrou a cada momento o quanto confiava e acreditava no meu potencial. Meu grande exemplo de que com a cabeça erguida, humildade e honestidade, tudo podemos conquistar. Perde-lo ao fim do meu primeiro ano de mestrado foi a dor mais terrível que já experimentei, mas a saudade deste homem visionário e os seus exemplos de superação e resiliência foram força motriz para seguir em frente.

A minha mãe, Aparecida, amor da minha vida. Ser humano mais incrível que conheço. Quem me conhece sabe a paixão e a admiração que nutro por ela. Esteve, mesmo a quilômetros de distância, de mãos dadas comigo por toda trajetória. Com sabedoria e equilíbrio me ajudou a percorrer todos os caminhos que me trouxeram até aqui: enfrentar tempestades, agradecer conquistas, reconhecer erros, enxugar lágrimas. Jamais terei como agradecer a sua disponibilidade incondicional. A ela, minha melhor amiga, dedico todas as minhas conquistas e todo o meu amor.

A minha irmã, Bárbara, com seu enorme coração. Seu exemplo como estudante e profissional sempre me fizeram ter vontade de ir além. Minha fã número um declarada, companheira e confiante. Poucas palavras não são suficientes para agradecer por ter uma parceria como a sua. O seu olhar de admiração me traz a certeza de que estou no caminho certo.

A minha avó, Dita, que simplesmente por ser quem é, já me dá todos os motivos para ser lhe grata. Exemplo de mulher guerreira, independente e, acima de tudo, crédul educação como melhor caminho para um futuro brilhante.

A minha tia Carlota, presença marcante em cada etapa vencida neste processo. Exemplo de fé e de humanidade que me ajudou a ver a vida com mais serenidade e confiança.

A todos os membros da minha família, sempre carinhosos e confiantes na minha vitória.

Ao meu namorado, Rafael, não tem como falar da minha vida sem falar dele. Nesses sete anos que estamos juntos foi o maior e melhor companheiro que Deus poderia ter me dado. Acompanhou o meu crescimento, com amor, respeito e apoio em todos os momentos, acreditando em mim e não me deixando desistir. Agradeço, ainda, a toda sua família, sempre na torcida por minhas conquistas, além de representarem um esteio na cidade do Recife.

Aos meus amigos, pelas risadas garantidas, pelo companheirismo e pela leveza que trazem para minha vida.

Ao meu orientador, professor Dr. José Maurício Haas Bueno, e seu dinamismo, por toda a credibilidade e a confiança depositadas na minha capacidade, além de sua disponibilidade e entrega na construção deste trabalho.

Aos colegas do Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica – NEAP pelas trocas de experiências e as contribuições ao longo do processo.

Ao meu eterno orientador, professor Dr. Leonardo Sampaio, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, que, durante a minha graduação, plantou a semente da admiração pela Psicologia Cognitiva e pela academia. Além disso, sempre disponível em auxiliar nesta trajetória.

Aos professores, colegas e funcionários da Pós-graduação em psicologia Cognitiva da UFPE pelo apoio e incentivo, possibilitando o debate, a construção e a reconstrução sobre que compõem a Psicologia e a vida acadêmica.

A todos os voluntários que se disponibilizaram a fazer parte da minha pesquisa e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para concretização desse trabalho.

Por fim, agradeço ao CNPq, pela bolsa concedida.

## RESUMO

As tradicionais formas de mensuração dos valores humanos fazem uso de medidas explícitas, tais como os questionários de autorrelato. Estas medidas são suscetíveis à influência da desejabilidade social e podem inibir e/ou enviesar os resultados. Como alternativa, buscando controlar a tendência para respostas subjacentes, outras formas de mensuração veem sendo utilizadas. A presente dissertação teve como objetivo construir e buscar evidências de validade de um Teste de Associação Implícita, baseado em Categoria Única (SC-TAI-Valores-Schwartz), para avaliação de valores, fundamentado na *Teoria dos Valores de Schwartz*. Participaram da pesquisa 61 voluntários com idade acima de 18 anos. Foi utilizado o *software Inquisit* para apresentação dos estímulos e mensuração do tempo de reação manual. A Análise Multidimensional (PROXSCAL) para o *SC-TAI-Valores-Schwartz* revelou, em comparação com as proposições teóricas, diferenças entre o obtido e o esperado. Foram encontradas polaridades, no entanto, a estrutura não retrata o modelo circunpleto proposto pelo teórico. A obtenção de uma disposição dos valores distinta da apresentada na teoria pode ser justificada pelo contexto cultural. Procedimentos de análise semelhantes foram utilizados para a versão do *SC-TAI-Valores* baseado na teoria de Gouveia (1998), sendo observada, nos resultados, a reprodução do modelo teórico, confirmando as proposições, tendo em vista a clara divisão de polos, considerando, principalmente, o modelo hexágono sugerido pelo autor. Houve, no entanto, uma inversão inesperada entre *experimentação* e *realização*. No que diz respeito ao estudo de validade convergente foram verificadas diversas correlações positivas entre as medidas explícitas, *Questionário de Valores de Schwartz (QVS)* e *Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)*. Com relação às medidas implícitas computadorizadas (*SC-IAT-Valores-Schwartz* e *SC-IAT-Valores-Gouveia*) e sua validade convergente com as medidas explícitas (*QVS* e *QVB*), não foram observadas correlações substanciais. O mesmo foi observado no estudo de validade convergente entre as medidas implícitas *SC-IAT-Valores-Schwartz* e *SC-IAT-Valores-Gouveia*, sugerindo baixas correlações. Na investigação da validade discriminante, foi observada discriminância entre ambos os instrumentos (*SC-IAT-Valores-Schwartz* e *SC-IAT-Valores-Gouveia*) e a Escala de Desejabilidade Social, no entanto com uma análise inconsistente. Considera-se que esta dissertação cumpriu com seus objetivos, construindo a medida implícita de Valores Humanos baseada na Teoria de Schwartz, demonstrando sua aplicabilidade e representando um novo processo de avaliação para investigação de outros construtos.

**Palavras-chave:** Valores humanos. Categoria única. Técnica de Associação Implícita.

## ABSTRACT

Traditional ways of measuring human values use explicit measures, such as self-report questionnaires. These measures are susceptible to the influence of social desirability and can inhibit and / or skew the results. Alternatively, seeking to control the tendency to underlying responses, other forms of measurement has being used. This study aimed to develop and search for evidence of validity of the Implicit Association Test, based on Single Category (SC-TAI-values Schwartz) for values' evaluation, which is *based on the theory of Schwartz values*. The participants were 61 volunteers aged above 18 years. The *Inquisit software* was used for stimuli's presentation and to measure the manual reaction time. Multidimensional analysis (PROXSCAL) of *Tai-SC-Schwartz values* found differences between the obtained and expected, in comparison with the theoretical statements. Polarities was found, nevertheless, it does not portray the circumplex structure proposed by the theoretical model. The cultural context can explain an array of distinct values presented in theory and obtained on this research. Similar analysis procedures were used on the version of *SC-TAI-values* based on Gouveia's theory (1998), in which results showed the reproduction of the theoretical model, confirming the proposals, given the clear Poles' division of Poles, mainly considering the hexagon model suggested by the author. Notwithstanding, there was an unexpected inversion of *testing and implementation*. On the convergent validity's study, there were found several positive correlations between explicit measures, *Schwartz Values Survey (QVS)* and *Values Questionnaire Gouveia Basic (QVB)*. Regarding computerized implicit measures (*SC-IAT-values Schwartz* and *SC-IAT-values Gouveira*), and its convergent validity with explicit measures (*QVS* and *QVB*), significant correlations were observed. The same was observed in the study of convergent validity between implicit measures *SC-IAT-values Schwartz* and *SC-IAT-values Gouveira*, suggesting low correlations. In the discriminant validity investigation, a differentiation between both instruments (*SC-IAT-values Schwartz* and *SC-IAT-values Gouveira*) and the Social Desirability Scale was observed, however, with an inconsistent analysis. It is considered that this dissertation achieved its objectives, developing the implicit measure of human values based on Schwartz's theory, showing its applicability and representing a new evaluation process for investigation of other constructs.

**Keywords:** Human Values. Single Category. Implicit Association Technique.

## **LISTA DE FIGURAS**

<i>Figura 1</i> -Estrutura circular de compatibilidade e conflito de Schwartz	<b>25</b>
<i>Figura 2</i> -Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos, adaptado de Gouveia	<b>28</b>
<i>Figura 3</i> -Padrão de congruência das subfunções dos valores básicos	<b>29</b>
<i>Figura 4</i> -Ilustração da dinâmica experimental	<b>44</b>
<i>Figura 5</i> -Gráfico de Similaridades do Modelo de Schwartz	<b>60</b>
<i>Figura 6</i> - Gráfico de Similaridades do Modelo de Gouveia	<b>63</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipos motivacionais de Schwartz	24
Tabela 2. Dados descritivos da correlação entre o <i>Questionário de Valores de Schwartz (QVS)</i> eo <i>Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)</i>	65
Tabela 3. Dados descritivos da correlação entre o <i>SC-TAI-Valores-Schwartz</i> e o <i>Questionário de Valores de Schwartz (QVS)</i>	66
Tabela 4. Dados descritivos da correlação entre o <i>SC-TAI-Valores-Schwartz</i> e o <i>Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)</i>	67
Tabela 5. Dados descritivos da correlação entre o <i>SC-TAI-Valores-Gouveia</i> e o <i>Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)</i>	68
Tabela 6. Dados descritivos da correlação entre o <i>SC-TAI-Valores-Schwartz</i> e o <i>SC-TAI-Valores-Gouveia</i>	69
Tabela 7. Dados descritivos do estudo de validade discriminante entre o <i>SC-TAI-Valores-Schwartz</i> e a <i>Escala de Desejabilidade Social</i>	72
Tabela 8. Dados descritivos do estudo de validade discriminante entre o <i>SC-TAI-Valores-Gouveia</i> e a <i>Escala de Desejabilidade Social</i>	73

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>PARTE I – MARCO TEÓRICO</b>	<b>15</b>
<b>1 VALORES HUMANOS</b>	<b>16</b>
1.1 Elementos históricos e contribuições teóricas relevantes	17
1.2 Modelos culturais e individuais de valores	18
1.2.1 Valores Humanos na perspectiva Cultural	18
1.2.2 Valores Humanos na perspectiva Individual	21
<b>2 AVALIAÇÃO DOS VALORES HUMANOS</b>	<b>31</b>
2.1 Medidas explícitas e implícitas	32
2.2 Medidas Explícitas de Valores Humanos	34
2.2.1 Medidas de Valores Culturais	34
2.2.2 Medidas de Valores Individuais	36
2.3 Medidas Implícitas de Valores Humanos	42
2.3.1 Teste de Associação Implícita	43
2.3.1.1 Teste de Associação Implícita – Versão Computadorizada	43
2.3.2 Formas Alternativas ao TAI	46
2.3.2.1 Single Categoric	46
<b>3 CRÍTICAS E LIMITAÇÕES DAS MEDIDAS IMPLÍCITAS</b>	<b>49</b>
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b>	<b>51</b>
<b>1 OBJETIVOS</b>	<b>52</b>
1.1 Objetivo geral	52
1.2 Objetivos específicos	52
<b>2 MÉTODO</b>	<b>53</b>
2.1 Desenho do estudo	53
2.2 Participantes	53
2.3 Instrumentos	53
2.4 Procedimentos	58
2.5 Análise de dados	58
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>60</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Valores humanos correspondem a concepções que guiam as ações humanas, podendo interferir no modo como as pessoas agem e avaliam eventos. Representam um conceito que transcende situações específicas e expressam interesses, sejam eles individuais, coletivistas ou mistos, visando a satisfação das necessidades humanas (Schwartz & Bilsky, 1987, 1990). Como um conjunto de princípios fundamentais, os valores humanos são aprendidos por pessoas de determinada cultura, sociedade e instituições (Gouveia, 2003).

Foco de discussão por diversas áreas, tais como antropologia, filosofia, sociologia e psicologia desde meados do século XIX, na Psicologia, valores humanos ganham destaque, devido a, possivelmente, exercer um relevante papel no processo seletivo das ações humanas (Rokeach, 1973). Pesquisas realizadas por Milton Rokeach, no campo da teoria da ação social e os estudos empíricos desenvolvidos por Shalom Schwartz representaram um marco significativo na consolidação desta temática (Ros, 2006).

O estudo dos valores humanos pode se dar sob duas distintas perspectivas: a sociológica ou grupal, investigada por Geert Hofstede e Ronald Inglehart e a psicológica ou pessoal, representada por Milton Rokeach, Shalom Schwartz e Valdíney Gouveia (Athayde, 2012). A presente dissertação debruçou-se sobre a perspectiva psicológica, considerando os valores como próprios do indivíduo, destacando sua capacidade para explicar crenças, atitudes e comportamentos. Adotou-se, dentre as teorias resultantes desta perspectiva, a Teoria dos Tipos Motivacionais de Schwartz (Schawartz, 1992), que concebe os valores como atendendo a metas motivacionais e visando a satisfação das necessidades humanas, identificando motivações básicas que caracterizariam os indivíduos e as quais se espera reconhecer nas culturas.

Comumente, a mensuração dos valores humanos, nas diversas teorias, ocorre por meio de medidas explícitas do tipo autorrelato. Caracterizados por apresentarem tendências para respostas subjacentes, construtos deste tipo são investigados com frequência pela psicologia e seu caráter não diretamente observável impossibilita a sua mensuração direta, sendo realizadas inferências com base nas respostas declaradas ou implícitas, sejam elas verbais ou não-verbais (Krosnick, Judd, & Wittenbrink, 2005). Apesar de apresentar bons resultados, a metodologia utilizada na mensuração explícita está sujeita há um viés, adesejabilidade social. Neste sentido, medidas deste tipo tendem a apresentar distorções de autorrelatos nas quais os

sujeitos buscam direções favoráveis como estratégia pessoal de autoafirmação e aceitação grupal (Furnham, 1986).

Com o objetivo de controlar esta tendência a distorções, formas alternativas de medidas veem sendo investigadas, tais como a mensuração implícita que propõe a medida de processos automáticos e fora do controle do indivíduo. Este tipo de metodologia sugere a diminuição da reatividade da medida e compreende que associações espontâneas podem influenciar no julgamento e comportamento do indivíduo sem ser facilmente detectada (Athayde, 2012).

Atualmente, diferentes técnicas neurofisiológicas, tais como Ressonância Magnética Funcional (fMRI) e Potenciais Relacionados a Eventos (ERP), possibilitam o estudo da interação entre os processos implícitos e as intenções conscientes (He, Johnson, Dovidio, & McCarthy, 2009). Considerando a busca pela compreensão sobre a influência da cognição nas percepções e comportamentos, pode-se concluir que evoluções na avaliação de construtos como valores morais, beneficiam a ampliação do conhecimento acerca das capacidades cognitivas, tais como julgamento e decisão, que podem interferir no comportamento humano em diversos contextos (Nosek, Banaji & Greenwald, 2002).

Desta forma, analisando que as medidas implícitas podem possuir um superior poder preditivo, sobre tipos de comportamento, em relação às medidas explícitas, o desenvolvimento de pesquisas nesta área possibilita uma maior noção sobre quando estas medidas serão mais úteis ou não, levando em consideração os processamentos cognitivos envolvidos nesta avaliação, tais como o tempo de reação para resposta dos indivíduos.

Neste campo da mensuração implícita, o Teste de Associação Implícita (TAI), desenvolvido nos últimos 25 anos, apresenta grande destaque. O teste parte do pressuposto que avaliações podem ser ativadas de maneira espontânea através de objetos atitudinais (Athayde, 2012). Respondido em larga escala pelo mundo, os resultados provenientes do teste ganham destaque devido ao impacto que causam na sociedade, com estudos que investigam preconceito racial, por exemplo (Greenwald, 2010).

Esta dissertação se insere neste cenário, visando explorar o uso de uma medida implícita na avaliação de valores. As medidas implícitas são melhores preditoras de comportamentos com caráter espontâneo, enquanto as medidas explícitas predizem melhor

comportamentos com caráter mais deliberado (Payne & Gawronski, 2010), assim, destaca-se a relevância deste estudo para a psicologia cognitiva, tendo em vista a consciência de que o pensamento e comportamento do indivíduo podem ser influenciados por processos psicológicos implícitos, bem como se admite a existência de processamentos cognitivos que podem ser utilizado para fins de avaliação psicológica, os quais poderão captar informações que os processos avaliativos com o uso do autorrelato não captariam (Bassili & Brown, 2005).

Neste sentido o objetivo proposto representa uma contribuição ao estudo dos valores humanos e das medidas implícitas através da construção e busca de evidências de validade de um instrumento com base no Teste de Associação Implícita para avaliação dos valores humanos, visando investigar a validade convergente do mesmo com medidas explícitas e a validade discriminante com uma medida de desejabilidade social.

Para compreensão do estudo desenvolvido, esta dissertação teve sua estrutura dividida em duas partes principais. A primeira se refere ao marco teórico, destacando a importância dos valores humanos para a Psicologia, reunindo os principais teóricos que se debruçaram na investigação deste construto, destacando os processos avaliativos disponíveis e o papel das medidas explícitas e implícitas neste contexto.

A segunda parte, correspondendo ao estudo empírico, no qual se buscou construir uma medida implícita de valores humanos, através da versão computadorizada do Teste de Associação Implícita, tendo como base a Teoria dos Tipos Motivacionais de Schwartz, verificando suas propriedades psicométricas e correlacionando-a com medidas explícitas e implícitas de mensuração de valores. Os resultados obtidos serão apresentados e discutidos tendo como base a literatura disponível acerca da teoria, bem como serão apresentadas limitações e contribuições da pesquisa, além de possibilidade de estudos futuros.

**PARTE I – MARCO TEÓRICO**

## 1 VALORES HUMANOS

As áreas de psicologia e sociologia trazem uma longa tradição acerca do estudo científico dos valores humanos. Em sua origem, os valores foram concebidos como conceitos filosóficos que foram indissolavelmente vinculados à vida virtuosa e a moralidade (Perry, 1926). O conceito de valor recebeu por alguns cientistas sociais, como Allport, Vernon e Lindzey (1951) um significado mais ligado às atividades cotidianas, categorizando as preferências estáveis das pessoas para todos os tipos de comportamentos privados e sociais. Considera-se que desde as antigas civilizações, os valores se refletem ao longo de toda a história da humanidade, sendo praticamente os mesmos (Cunningham & Reich, 2002).

Porém, a proposta de valores fixados como elementos categorizados passa a ser substituída por uma noção na qual se propõe que cada indivíduo cria uma hierarquia pessoal e flexível de acordo com os valores disponíveis em sua cultura. Assim, atualmente os valores são concebidos como princípios orientadores da vida, que podem mudar ao longo do tempo e orientar comportamentos, fazendo parte de um sistema dinâmico (Debats&Bartelds, 1996). Os valores representam uma natureza relativa e universal, possuindo um conteúdo variável, mas com uma mesma estrutura em todas as épocas, rearranjando as suas propriedades axiológicas (Gouveia, 2012).

Nessa perspectiva, considerando as necessidades humanas, os valores humanos existem desde a pré-história, na qual o homem reconheceu a importância de cada indivíduo para sua sobrevivência e continuidade da espécie, funcionando como princípios norteadores que configuram a vida em sociedade, estabelecendo padrões convencionais que precisavam ser aceitos, tais como o respeito aos mais velhos, por exemplo. Apreciados como princípios fundamentais, os valores evoluíram ao longo da história da humanidade, transcendendo situações específicas, mas carregando resíduos característicos, os quais podem ser considerados imutáveis: as prioridades valorativas mudam, mas os valores permanecem os mesmos (Gouveia et al., 2011; Gouveia, 2012).

Considera-se que existe um número de valores humanos limitado, que surge em qualquer época em todo mundo, apresentando arranjos estruturais diferentes a depender das demandas sociais e necessidades psicológicas (Rokeach, 1973; Vione, 2012). Aprendidos através dos processos de socialização, os valores humanos são transmitidos através da família,

dos professores, da cultura, das instituições e da sociedade de modo geral, tendo influência nas atitudes, escolhas, ações e julgamentos (Ros, 2006).

Destacando-se a relevância do estudo sobre valores humanos para a sociedade, alguns autores debruçaram-se sobre o estudo deste construto. Na subseção seguinte serão apresentados elementos históricos e contribuições teóricas relevantes nesta área.

### **1.1 Elementos históricos e contribuições teóricas relevantes**

Dentre os autores que se dedicaram ao estudo sobre os valores Thomas e Znaniecki (1918) são considerados pioneiros, introduzindo os conceitos de atitudes e valores e contribuindo para a literatura ao introduzir o componente cognitivo, o qual ficava à margem do componente emocional e comportamental. Eles destacaram que, embora correspondendo a construtos diferentes, as atitudes e os valores estão relacionados. Apesar de não se aprofundarem no campo desta temática, a discussão trazida por esses autores representa uma inegável contribuição, trazendo ao debate conceitos que ou não eram abordados diretamente ou eram discutidos de maneira contraditória (Ros, 2006).

A denominada *Teoria da Ação Social* que reuniu pesquisadores da Sociologia, Antropologia e Psicologia destaca-se, no campo específico dos valores humanos, pelos estudos desenvolvidos por dois pesquisadores: TalcottParsons e ClydeKluckhohn. Ela buscou abarcar diferentes aspectos da vida social, desde as motivações dos indivíduos particulares até a sua integração com estruturas sociais construídas coletivamente.

O primeiro, Parsons (1951), trouxe diversas contribuições, dentre as quais se faz relevante destacar: uma definição sobre valores e a afirmação sobre ser difícil uma vida social sem valores comuns. Apesar de trazer discussões pertinentes, com ideias que contribuíram para construção de concepções atuais sobre os valores, Parsons é criticado por não apresentar conteúdo empírico que testasse suas hipóteses (Medeiros, 2011; Ros 2006). Kluckhohn (1951), por sua vez, contribuiu com considerações acerca dos valores apresentando elementos indispensáveis para sua compreensão: os afetivos, cognoscitivos e conativos. Ele considera os valores como uma concepção, na qual pode ser explícita ou implícita, própria de um indivíduo ou característica de um grupo e que pode influenciar a escolha da ação.

Neste sentido, esta perspectiva da teoria da ação reuniu esforços para construir um aporte teórico visando compreender o comportamento humano de acordo com a perspectiva

das Ciências Sociais. No entanto, no que corresponde aos valores humanos, não houve esforços em coletar dados empíricos suficientes para sustentar o que estava sendo expresso conceitualmente (Medeiros, 2011).

Diferentemente da visão apresentada até o momento, trazida pela Sociologia e Antropologia, outra teoria que merece destaque ao se abordar valores humanos no âmbito da Psicologia é a *Teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas* (Maslow, 1943, 1954), na qual o autor estabelece que os seres humanos possuam vários tipos de necessidades, as quais são organizadas de maneira hierárquica: fisiológicas, segurança, pertencimento e amor, estima, conhecimento, estética e autorrealização. Segundo a teoria, só se é possível avançar na escala, para atingir novas necessidades, quando as necessidades básicas já estiverem supridas (Ros, 2006).

A teoria de Maslow (1943) traz para a área dos valores humanos contribuições relevantes ao investigar sobre a natureza humana, considerando-a benévola, bem como a compreensão sobre a necessidade humana, sua satisfação e padrões de comportamento apresentados (Medeiros, 2011). Para ele, através do questionamento a pessoas que vivenciaram experiências positivas, seria possível identificar valores essenciais do ser humano (Maslow, 1954).

Visando fundamentar e permitir que o leitor compreenda o surgimento de modelos contemporâneos acerca dos valores humanos, foram apresentadas algumas das primeiras concepções que embasaram os estudos sobre este construto. A seguir, as principais teorias atuais sobre valores humanos serão apresentadas.

## **1.2 Modelos culturais e individuais de valores**

Nesta seção serão descritos os modelos mais recorrentes no contexto da Psicologia sobre o estudo dos valores humanos com base na atual distinção de perspectivas: a cultural ou sociológica; estruturando os valores em função de cada cultura, e a individual ou psicológica; na qual os indivíduos são orientados pelos valores.

### **1.2.1 Valores Humanos na perspectiva Cultural**

O estudo dos valores humanos na perspectiva cultural baseia-se na investigação da estrutura teórica e das dimensões valorativas de diferentes culturas, considerando os valores como resultantes da influência de diversas variáveis, tais como questões políticas, sociais e

econômicas (Ros, 2006). Um dos autores de grande destaque acerca desta perspectiva é Geert Hofstede com a teoria sobre os *Valores Individualistas e Coletivistas de Hofstede* (1984/1997), na qual o autor investiga as prioridades valorativas considerando a cultura na qual o sujeito está inserido.

Neste sentido, os valores representam as necessidades construídas socialmente, as quais se estabelecem de acordo com as normas institucionais e sociais em vigência. Sendo assim, a cultura funcionaria como um programa mental com a função de instruir os indivíduos sobre as suas ações, pensamentos e sentimentos, bem como interações sociais (Hofstede, 1984, 1991).

Hofstede (1984) chegou a tais conclusões após desenvolver um estudo no fim dos anos 60 e início da década de 70, na área organizacional, com foco nas atitudes e nos valores dos respondentes. Ele extraiu dados primários de um banco derivado de subsidiários da multinacional IBM, resultando em mais de 100.000 questionários. Esta pesquisa proporcionou ao autor reconhecimento no campo dos valores na perspectiva cultural (Athayde, 2012).

Através da análise desses dados, o autor buscava identificar e observar quatro dimensões centrais sob as quais seria possível analisar valores culturais, a saber: distância do poder, que representa, em resumo, a aceitação ou não da hierarquia; evitação da incerteza, relacionada ao grau de ansiedade das pessoas diante de situações inesperadas; masculinidade-feminilidade, relacionada a distribuição de papéis entre os sexos, no que diz respeito a masculinidade, ênfase no materialismo, e no caso de feminilidade, ênfase nas relações interpessoais; e individualismo-coletivismo, indicando o quanto as pessoas de uma sociedade se identificam como responsáveis pelos outros ou independentes de outras pessoas. Esta última dimensão gerou maior repercussão, tendo em vista que culturas individualistas apresentam laços soltos entre os indivíduos, enquanto nas culturas coletivistas, as pessoas apresentam uma integração forte, além de comportamentos de proteção e lealdade (Hofstede, 1984; McSweeney, 2002).

Mesmo com grande sucesso, o modelo de Hofstede recebeu críticas. Ele sugeriu que a partir do desenvolvimento econômico, surgiria o individualismo, levando a sociedade a abandonar o estilo coletivista. No entanto, isto não foi confirmado nas sociedades contemporâneas que apresentam elementos coletivistas e individualistas (Sinhá & Tripathi,

1994). Além disso, o modelo não considerou dados que apresentavam o coletivismo e o individualismo como legítimos e independentes, englobando-os em uma única dimensão (Gouveia, 2003). Por fim, destacam-se as críticas relacionadas a amostra, levando em consideração que os dados foram bastante heterogêneos e em alguns países pouco representativos da população. Não foram consideradas as possibilidades de vieses de resposta e a amostra de trabalhadores da IBM é assumida como a amostra nacional (McSweeney, 2002; Athayde, 2012).

Outra perspectiva teórica de cunho cultural e grande repercussão é a dos *Valores Materialistas e Pós-materialistas de Inglehart (1977)*, desenvolvida considerando a concepção de hierarquia de necessidades de Maslow (1954) e que busca definir a origem dos valores, considerando os aspectos sociais e culturais dos valores. Visando identificar as mudanças e comparar as culturas, Inglehart (1977) definiu duas dimensões: *materialismo*, representando valores materiais, relacionada a satisfação das necessidades básicas e de segurança; e *pós-materialismo*, que abrange valores espirituais, os quais surgem de acordo com a satisfação materialista.

Segundo esta perspectiva, nas sociedades em que as necessidades de segurança, sejam elas físicas ou econômicas não são satisfeitas, prevalece o materialismo, já as sociedades com maiores recursos financeiros, o pós-materialismo é dominante (Inglehart, 1991). O autor esclarece este fato considerando que as pessoas valorizam aquilo que mais necessitam, dessa forma, as prioridades valorativas básicas são definidas de acordo com a hipótese de escassez, além disso, deve-se considerar o contexto no qual as pessoas foram socializadas no início de suas vidas, tendo em vista que seus valores representam o reflexo das condições prevalentes nesta etapa da vida, sendo a hipótese de socialização determinante para indicar as prioridades dos indivíduos (Gouveia, 1998).

Uma das principais contribuições do autor é considerar a possibilidade de mudança dos valores, trazendo que o progresso da sociedade, pode ocasionalmente alterar previsivelmente os valores, porém, mesmo considerando as mudanças e o desenvolvimento dos valores a nível cultural, eles continuam refletindo o patrimônio cultural da sociedade (Inglehart&Welzel, 2010).

Mesmo que com inegáveis contribuições, a teoria de Inglehart também recebeu críticas. Ele concluiu que os valores agrupam-se em uma estrutura bipolar, estando os

valores materialistas em um polo positivo e os pós-materialistas em um polo negativo. Segundo Gouveia (1998), esta estrutura oposta das orientações materialistas e pós-materialistas não se sustenta, tendo em vista que em diversos países estas dimensões se misturam e se confundem, o que torna inapropriado definir valores através de um modelo dicotômico.

Na próxima subseção serão esplanadas as teorias acerca dos valores humanos na perspectiva individual. Esta abordagem é útil para caracterizar as prioridades que orientam os indivíduos e as bases motivacionais nas quais os valores se apoiam (Ros, 2006).

### **1.2.2 Valores Humanos na perspectiva Individual**

As teorias sobre valores humanos na perspectiva individual caracterizam as prioridades que orientam os indivíduos. As bases motivacionais nas quais seus valores estão apoiados são identificadas e contribuem para compreender as diferenças entre os sujeitos. Em geral, as teorias deste plano relacionam-se com tomada de decisão e atitudes manifestas, sendo úteis para identificar e compreender as diferenças entre os comportamentos e preferências dos sujeitos ou grupos que os priorizam (Ros, 2006).

Um pesquisador com relevante destaque na área é Rokeach(1973; 1979), sua obra representa uma forte influência para essa mudança no pensamento sobre a natureza dos valores humanos. Renomado pesquisador neste campo, ele tem sido considerado um dos que mais contribuiu para os avanços do estudo sobre valores na área da Psicologia. Antes de seus estudos, esta temática era discutida em revistas relacionadas à ética e a religião (Gouveia, 1998).

O autor definiu o conceito de valor como “uma crença duradoura que, de um modo específico de conduta ou estado final da existência é pessoalmente ou socialmente preferível a um modo oposto ou inverso de conduta ou estado final de existência” (Rokeach, 1973). Com a publicação de seu livro, *A Natureza dos Valores Humanos*, muitos estudos empíricos passaram a ser desenvolvidos na direção de investigar o papel dos valores humanos (Debats&Bartelds, 1996).

Rokeach (1973) defende que para que uma concepção sobre a natureza dos valores seja um campo científico fértil, torna-se necessário que seja intuitiva e passível de ser definida operacionalmente. Neste sentido, ele estabelece cinco pressupostos básicos: 1) uma pessoa

possui um número de valores relativamente pequeno; 2) pessoas possuem os mesmos valores independentemente da cultura; 3) os valores organizam-se em sistemas de valores; 4) os antecedentes dos valores podem ser determinados pela sociedade, instituições, cultura e personalidade do indivíduo; e 5) os valores se manifestam em fenômenos considerados dignos de serem investigados e compreendidos pelos pesquisadores das Ciências Sociais (Athayde, 2012). Assim, a concepção de valores corresponde a um conjunto de crenças transituacionais, organizadas de maneira hierárquica e que, quando internalizadas tornam-se princípios guia para o comportamento humano, funcionando como critérios para julgar a si próprio, aos outros e a situações particulares (Rokeach, 1981).

As principais contribuições de Milton Rokeach a esta área relacionam-se a sua síntese sobre os conceitos, na qual reuniu diferentes perspectivas, sugerindo uma abordagem transdisciplinar. Além disso, o autor distinguiu valores, atitudes e traços e apresentou uma definição específica sobre valores humanos e sistemas de valores (Athayde, 2012). Rokeach comprovou que os valores são centrais no sistema cognitivo e trouxe o método da autoconfrontação no contexto de mudança de valores. Este método fundamentou-se na ideia de que alguns valores constituem parte fundamental da personalidade e funcionam tanto como essenciais na definição do autoconceito, como também como guias de atitudes e comportamentos (Gouveia, Fonsêca, Milfont, & Fischer, 2011).

Outra referência na área de estudo dos valores humanos é Schwartz, autor que desenvolveu uma teoria sobre valores no âmbito cultural (Schwartz, 2006) e outra no âmbito individual (Schwartz, 1992, 2005). Na perspectiva dos Tipos Motivacionais de *Schwartz*, os valores são vistos como crenças e metas conscientes que guiam as ações dos indivíduos em relação a pessoas, objetivos e situações. São identificadas motivações básicas que caracterizam os indivíduos e que se espera serem reconhecidas em todas as culturas.

Tendo em vista esta susceptibilidade à universalidade, identifica-se que os valores correspondem a respostas dadas pelos indivíduos e sociedades de acordo com três exigências e tarefas universais: 1) necessidades dos indivíduos enquanto organismos biológicos; 2) exigências da interação social coordenada; e 3) os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência do coletivo (Bilsky, 2009). Porém, apesar de identificada uma estrutura comum a todos, a importância atribuída aos valores pelos indivíduos é que será

substancialmente diferente, ou seja, as prioridades axiológicas são individuais e específicas, mas a estrutura que as deriva é universal (Schwartz, 2011).

Neste sentido, a concepção de valores humanos relaciona-se com o que é desejável e que pode interferir na maneira como as pessoas escolhem suas atitudes e avaliam os eventos, funcionando como guia das ações humanas. Assim, são concebidos como atendendo a metas motivacionais e buscando a satisfação das necessidades humanas. Esta definição possibilita identificar elementos de outras teorias, tais como a de Rokeach, no que diz respeito à natureza motivacional e importância relativa (Athayde, 2012).

Com a possibilidade de se identificar um grande número de valores diferentes, organizá-los em grupos de categorias parece o mais adequado, utilizando-se do conteúdo motivacional como critério para estabelecer essas categorias ou tipos de valores (Bilsky, 2009). Desta forma, Schwartz (1994, 2006) identificou dez tipos motivacionais:

1. *Autodireção*: relacionado com independência do pensamento e ação;
2. *Estimulação*: envolve a busca pelas mudanças na vida, novidades;
3. *Hedonismo*: relaciona-se com o prazer e a gratificação sexual;
4. *Realização*: compreende a competência e o sucesso pessoal de acordo com os padrões sociais;
5. *Poder*: este tipo traduz o *status* social e prestígio, além do controle sobre as pessoas e recursos;
6. *Segurança*: diz respeito à busca por segurança e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo ;
7. *Conformidade*: sugere restrição das ações, impulsos e inclinações que infringem as expectativas e normas sociais;
8. *Tradição*: evidenciam respeito, aceitação dos costumes e idéias estabelecidos pela cultura ou religião;
9. *Benevolência*: busca e preservação do bem-estar das pessoas com quem se mantém relações de intimidade;
10. *Universalismo*: enfatiza a compreensão, tolerância e bem-estar de todos, bem como a proteção e preservação dos recursos naturais.

Para uma maior compreensão do leitor, a Tabela 1 a seguir reúne de forma direta cada um dos tipos motivacionais, com seus respectivos valores específicos representativos.

*Tabela 1.* Tipos motivacionais de Schwartz (1994, 2006).

TIPO MOTIVACIONAL	EXEMPLOS DE VALORES
<b>Autodireção</b>	Criatividade; Curiosidade; Liberdade
<b>Estimulação</b>	Ousadia; Vida variada; Vida excitante
<b>Hedonismo</b>	Prazer; Apreciar a vida
<b>Realização</b>	Bem sucedido; Capaz; Ambicioso
<b>Poder</b>	Poder social; Autoridade; Riqueza
<b>Segurança</b>	Segurança nacional; Ordem social; Limpo
<b>Conformidade</b>	Bons modos; Obediente; Honra os pais e os mais velhos
<b>Tradição</b>	Humilde; Devoto
<b>Benevolência</b>	Prestativo; Honesto; Não rancoroso
<b>Universalismo</b>	Tolerância; Justiça social; Igualdade; Proteção do meio ambiente

De acordo com o que estabelece esta teoria, há inter-relações estreitas entre os tipos motivacionais (*hipótese da estrutura*). Neste sentido, Schwartz (1992) afirma que, ao agir tomando um dos valores como meta, suas consequências práticas, psicológicas e/ou sociais podem ser compatíveis ou conflitantes com algum outro valor. Portanto, tal modelo propõe uma organização estrutural e dinâmica dos tipos motivacionais, coerente com o exposto na Figura 1.

De acordo com a teoria, existem inter-relações estreitas entre os tipos motivacionais e, diante disto, Schwartz (1992) afirma que, ao escolher um dos valores para guiar uma ação, as consequências psicológicas, sociais e práticas podem entrar em conflito ou serem compatíveis com algum outro valor. Sendo assim, o modelo proposto representa uma organização estrutural e dinâmica, com os valores se comportando de acordo com um padrão, organizando-se em uma estrutura circular em termos de compatibilidade e conflito.

Schwartz não admitiu que os tipos motivacionais fossem categorias qualitativas independentes, mas sim, destacou a dinâmica existente entre os tipos de valores, resultado das compatibilidades e incompatibilidades motivacionais (Bilsky, 2009). Os tipos motivacionais opostos, tais como benevolência e poder, se localizariam em direções opostas, enquanto os tipos compatíveis, tais como conformidade e segurança, estariam localizados nas adjacências, ao redor do círculo (Knafo, Roccas, & Sagiv, 2011). Neste sentido, o que define as relações entre os valores, como compatíveis ou não, é a localização do mesmo no espaço bidimensional. A estrutura não diz respeito à importância relativa, mas sim às relações de conflito e congruência entre os tipos motivacionais (Bilsky, 2009). Pode-se observar esta estrutura na figura a seguir.

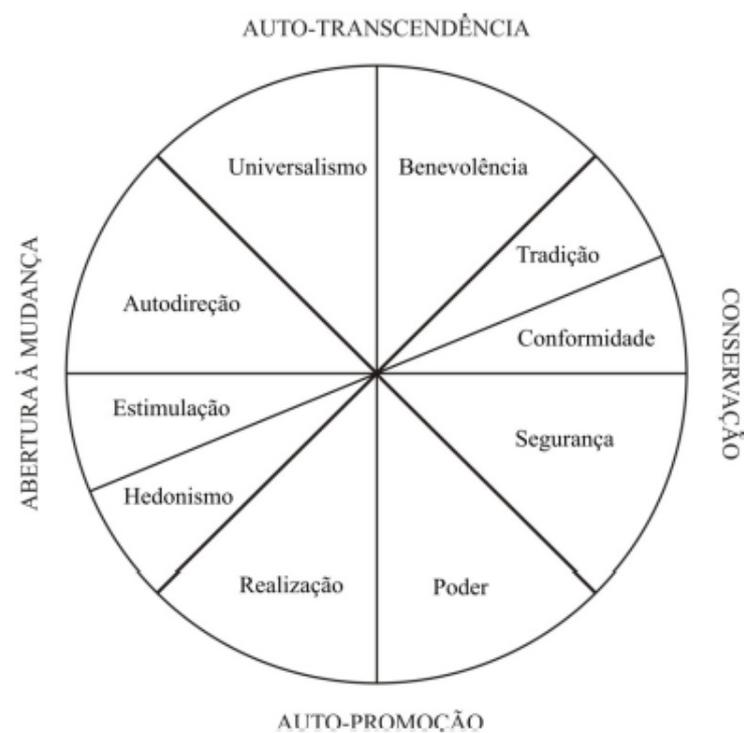


Figura 1. Estrutura circular de compatibilidade e conflito de Schwartz (1992)

Os padrões que envolvem conflitos e compatibilidades entre os tipos motivacionais podem ser identificados de acordo com a proximidade observada no espaço bidimensional, ou seja, tipos adjacentes apresentariam maior compatibilidade, e, a partir do seu afastamento, maiores conflitos. Podemos considerar os seguintes pares de tipos motivacionais compatíveis: *poder e realização, realização e hedonismo, hedonismo e estimulação, estimulação e autodireção, autodireção e universalismo, universalismo e benevolência, benevolência e*

*conformidade, conformidade e tradição, tradição e segurança, segurança e poder, e, por fim, segurança e conformidade* (Medeiros, 2011).

Além disso, essa estrutura também apresenta dimensões bipolares de ordem superior. O espaço bidimensional proposto caracteriza-se por apresentar oposições entre valores concorrentes. No eixo horizontal, identifica-se a primeira dimensão, composta por *Abertura à Mudança* e *Conservação*, representando o conflito entre aqueles valores que ressaltam a independência de pensamento, ações e sentimentos e os que enfatizam a ordem e a resistência a mudanças. A oposição *Autopromoção* e *Autotranscendência* formam a segunda dimensão, que representa conflito entre valores que ressaltam a preocupação com interesses próprios e valores que se preocupam com o bem-estar e interesse dos outros (Athayde, 2012).

Esta teoria possui um alto grau de importância no estudo de valores humanos, tendo em vista que pesquisas realizadas em mais de 70 países encontraram semelhanças entre os dez tipos de valores definidos por Schwartz na maioria das culturas. Este fato possibilita a comparação de diferentes grupos no que diz respeito aos valores humanos (Athayde, 2012). Além disso, essa perspectiva teórica é a que possui maior repercussão no mundo acadêmico sendo utilizada na realização de inúmeras pesquisas em Psicologia Social (Medeiros, 2011). No entanto, recebe críticas por parte de diversos autores, tais como Gouveia (1998) e Waege, Billiet e Pleysier (2000), pela ausência de uma base teórica subjacente a origem dos valores propostos por ele, e da técnica estatística utilizada pelo autor.

Neste sentido, ao analisar as contribuições trazidas pelas teorias já existentes e considerar as limitações, restrições e inconsistências das mesmas, sobretudo no que diz respeito à fonte e natureza dos valores, Gouveia (1998, 2003; Gouveia et al., 2011) propôs uma nova perspectiva para o estudo dos valores humanos, a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*. Segundo Gouveia (1998), modos de orientação, definidos pelos valores, estão disponíveis para as pessoas, no entanto, estas os adotam a depender da experiência pessoal e do contexto sociocultural em que estiverem inseridas. Sendo assim, os valores podem ser definidos como critérios que orientam e guiam as ações humanas além de expressarem, cognitivamente, as suas necessidades básicas (Gouveia, 2003).

Neste modelo são considerados quatro pressupostos teóricos fundamentados teoricamente, a saber: 1- assume a natureza benevolente do ser humano, o homem é concebido como naturalmente bom, além de considerar que todos os valores são positivos e

desejáveis (Maslow, 1945; Kluckhohn, 1951); 2- reconhece a base motivacional dos valores, como representações cognitivas das necessidades humanas individuais como também das demandas sociais e institucionais (Inglehart, 1977; Kluckhohn, 1951; Maslow, 1954; Schwartz, 1992); 3- considera os valores como princípios que guiam os indivíduos (Rokeach, 1973); 4- trata os valores como terminais, na medida que expressam um propósito em si mesmo e representam metas superiores que transcendem as que surgem biologicamente (Rokeach, 1973; Gouveia et al., 2011).

Diante dos pressupostos expostos, Gouveia (1998), define valores humanos básicos como sendo conceitos ou categorias de orientação, sobre estados desejáveis de existência, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar em suas magnitudes e nos elementos que as definem. Neste sentido, levando em consideração o foco da teoria, que é o estudo das funções dos valores, busca-se conceitua-los nestes termos.

Gouveia (1998, 2003; Gouveia et al, 2009) identificou duas funções dos valores aparentemente consensuais: 1- guiam as ações do homem (Rokeach,1973); 2- expressam suas necessidades (Inglehart, 1977). A primeira função representa o tipo de orientação, e faz referência a dicotomia individualismo-coletivismo tratada por Hofstede (1984). Sendo assim, em uma orientação *pessoal*, os valores guiam o comportamento do indivíduo centrado nele mesmo, de maneira egocêntrica, com foco intrapessoal, e em uma orientação *social*, os indivíduos estão centrados na sociedade e enfatizam o grupo, com foco interpessoal.

Os valores considerados pessoais subdividem-se em valores de experimentação e realização, e os valores sociais subdividem-se em interativos e normativos. Além desses, Gouveia (1998, 2003; Gouveia et al, 2009) apresenta o grupo situado entre esses dois grupos, compatível com os valores pessoais e sociais, os valores centrais. Representam a base organizadora dos outros e subdividem-se em valores de existência e suprapessoais.

A segunda função dos valores humanos representa o tipo de motivador e está relacionada à expressão das necessidades básicas, classifica os valores como materialistas (retratando ideias práticas com orientações para metas específicas e regras normativas) ou humanitários (expressando uma orientação universal que se baseia em ideais e princípios abstratos) (Gouveia et al., 2009; Inglehart, 1977).

As duas dimensões principais, tipo de orientação e tipo de motivador, formam dois eixos principais na representação espacial da estrutura dos valores. Ao cruzar estes dois eixos, origina-se uma estrutura 3x2, que pode ser observada na Figura 2:

		<i>Valores como padrão-guia de comportamentos</i>		
		<i>Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)</i>	<i>Metas centrais (o propósito geral da vida)</i>	<i>Metas sociais (o indivíduo na comunidade)</i>
<i>Valores como expressão de necessidades</i>	<i>Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)</i>	<b>Experimentação</b> Emoção Estimulação Prazer	<b>Suprapessoal</b> Artes Conhecimento Igualdade	<b>Interativa</b> Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)</i>	<b>Realização</b> Êxito Poder Prestígio	<b>Existência</b> Estabilidade Saúde Sobrevivência	<b>Normativa</b> Obediência Religiosidade Tradição

Figura 2. Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos, adaptado de Gouveia (2012) (Athayde, 2012).

No eixo horizontal, a primeira dimensão corresponde a função dos valores que guiam as ações humanas, formada por três tipos de orientação: pessoal, central e social. O eixo vertical representa a função dos valores relacionada a expressão das necessidades humanas, englobando dois tipos de motivador: materialista e humanitário.

Esta estrutura é formada por seis subfunções dos valores distribuídas de forma equitativa:

1. *Interativa*: compõe o quadrante social-humanitário e compreende as necessidades de pertença, amor e filiação (exemplos de valores: apoio social, convivência);
2. *Normativa*: compõe o quadrante social-materialista e representa o controle e as pré-condições indispensáveis para satisfazer as necessidades, além de destacar a importância em preservar normas, tradições e cultura (exemplos de valores: tradição, obediência, religiosidade);
3. *Suprapessoal*: compõe o quadrante central-humanitário e refere-se a pessoas que pensam de maneira mais abstrata e abrangente, utilizando-se de critérios universais para a tomada de decisão (exemplos de valores: maturidade, conhecimento);

4. *Existência*: compõe o quadrante central-materialista e corresponde as necessidades fisiológicas, tais como dormir e comer, bem como as necessidades de segurança (exemplos de valores: saúde, sobrevivência);
5. *Experimentação*: compõe o quadrante pessoal-humanitário e faz referencia a necessidade de satisfação fisiológica através do prazer (exemplos de valores: prazer, sexualidade, emoção);
6. *Realização*: compõe o quadrante pessoal-materialista e corresponde ao princípio que guia os indivíduos na busca por realizações materiais, funcionamento institucional adequado e êxito nas interações sociais (exemplos de valores: prestígio, poder).

A possibilidade de congruência entre os valores foi investigada por Gouveia, Meira, Gusmão, Sousa Filho e Souza (2008), sob a afirmação de que as correlações entres os mesmos variam de acordo com a intensidade entre os indivíduos. Neste sentido, supõem-se a existência de um modelo hexagonal com três níveis de congruência: *baixa*, representada pelos lados opostos e resultante da independencia destes grupos de valores, os quais possuem diferente tipos de orientação e motivadores; *moderada*, valores com diferentes orientações, mas no mesmo motivador; e *alta*, agrupando valores com mesma orientação e motivadores diferentes. Esta expressão gráfica pode ser observada na Figura 3:

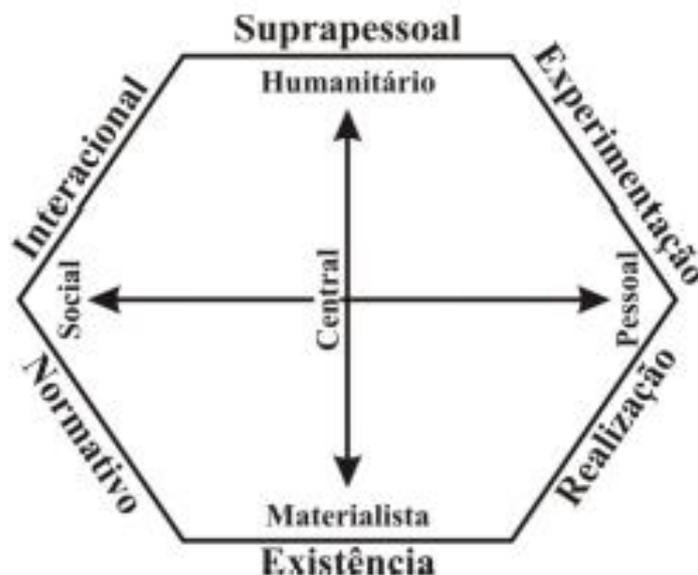


Figura 3: Padrão de congruência das subfunções dos valores básicos (Athayde, 2012)

Neste sentido, os valores variam no grau em que são congruentes, descartando a ideia de “conflito entre valores” abordada por Schwartz & Bilsky (1987). Segundo Gouveia et al (2008), pessoas que se apresentem mais maduras e autorrealizadas, desenvolvem um sistema harmonioso de valores, com igual importância a todas subfunções e maior grau de congruência. Pessoas que apresentem baixa maturidade, sobretudo jovens, tendem a apresentar menor congruência, considerando que ainda estão definindo seu sistema de valores. Logo, estima-se que as correlações entre as seis subfunções sejam, em sua maioria, positivas com correlação média mais elevada e consistente no grupo de pessoas mais autorrealizadas e maduras.

Construída com base na teoria da ação de Kluckhohn (1951), considerando a abordagem psicológica de Maslow (1954) e respaldando-se nos modelos de Inglehart (1977) e Schwartz (1992), a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos se apresenta como uma proposta parcimoniosa e fundamentada teoricamente para se pensar valores humanos. No entanto, ainda é alvo de críticas no que diz respeito a realização de estudos no contexto asiático, por exemplo, tendo em vista não possuir suporte suficiente para comprovar sua adequação, quando comparada a outras teorias tais como Schwartz (1992). Neste sentido, esta teoria possui um modesto destaque no contexto internacional, sendo considerada menos universal.

## **2 AVALIAÇÃO DOS VALORES HUMANOS**

Considerando as diferentes perspectivas teóricas sobre valores humanos, observa-se uma incompatibilidade de ideias, fazendo deste campo um cenário de inúmeras possibilidades, mas também dificuldades, no que diz respeito aos estudos empíricos na área devido à falta de consenso acerca de informações importantes. Algumas metodologias são mais conhecidas e amplamente utilizadas na mensuração de valores, destacando-se três: 1) a inferência de comportamentos diretamente observáveis; 2) a solicitação para que os indivíduos comuniquem quais são os valores subjacentes em sua conduta; e 3) a apresentação de estímulos valorativos, comumente dispostos em questionários e listas, nos quais os indivíduos deverão se posicionar (Souza, 2012).

Tais formas apresentam problemas diversos, como por exemplo, o tempo prolongado no uso da inferência comportamental, a dificuldade em relação a interpretação e a quantificação, bem como a limitação sobre a aplicação em um maior número de pessoas. Além disso, metodologias como as esplanadas anteriormente podem se deparar com o desejo do indivíduo e a seleção, pelo mesmo, do que será dito (Athayde, 2012).

As entrevistas, os inventários e as escalas representam tipos de medidas de autorrelato, e têm sido um dos meios mais utilizados para a avaliação dos valores humanos, considerando a sua aplicação e correção, as quais são rápidas e práticas, o que favorece os estudos com grandes amostras (Carvalho, Bartholomeu & Silva, 2010). Baseiam-se nos princípios da psicometria, consistindo em tarefas estruturadas, com limitadas alternativas de resposta e resultados expressos em números, sendo assim, o fenômeno psicológico é quantificado (Pasquali, 2003). Uma das limitações encontradas neste tipo de técnica é a possibilidade que o indivíduo tem de controlar e, em determinadas situações, manipular suas respostas, levando em consideração aspectos como a desejabilidade social.

Neste sentido, visando superar essas limitações, buscam-se novas formas de avaliação, por exemplo, as que usam o processamento cognitivo implícito, capaz de captar aspectos inconscientes, cujas respostas são menos manipuláveis pelos sujeitos e não há interferência da subjetividade do avaliador. Na seção seguinte serão descritas características das medidas explícitas e implícitas visando apresentar sua vantagens e limitações.

## 2.1 Medidas explícitas e implícitas

Diferentes estudos demonstram que o desempenho do indivíduo em atividades e situações cotidianas pode sofrer influência de mecanismos conscientes e inconscientes. Assim, a investigação acerca deste desempenho se faz através do uso de medidas explícitas e implícitas. As medidas explícitas relacionam-se com o posicionamento individual, o qual requer atitudes por meio das avaliações que as pessoas fazem acerca de um determinado objeto, situação ou evento. Grande parte constituem questionários de autorrelato como as escalas do tipo lápis e papel. Dentre as técnicas de mensuração de medidas explícitas destacam-se a técnica de Likert, com itens classificados através de cinco pontos que variam de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”; a estratégia de diferencial semântico de Osgood; as escalas cumulativas de Guttman e a predisposição a estabelecer níveis de contato com grupos-alvo, desenvolvida por Bogardus (Pimentel, Torres, & Gunther, 2011).

Em sua maioria, essas medidas fazem referência a um objeto de destino na história pessoal do participante, assumindo assim, que (a) o participante já tem uma opinião formada sobre determinado conceito, ou, seja capaz de construir naquele momento avaliativo; (b) está ciente de sua atitude, ou seja, tem acesso a ela; e (c) está disposto a compartilhá-la com precisão com o pesquisador (Brunel, Tietje & Greenwald, 2004).

No entanto, as pessoas que nunca ouviram falar de um determinado conceito não são suscetíveis a ter formado uma atitude sobre ele antes e, no melhor dos casos, acabam fazendo o melhor que podem para responderem a pergunta. Em outros casos, as atitudes sobre determinado construto formadas anteriormente, nem sempre são facilmente acessíveis para o indivíduo. Sendo assim, embora tenham uma opinião formada anteriormente, eles relatam algo recém-criado (Brunel, Tietje & Greenwald, 2004).

Além disso, é possível identificar um viés intrínseco ao método utilizado para mensuração explícita, uma vez que, determinados construtos, tais como a personalidade e valores humanos, estão sujeitos a normas sociais e dissimulação, levando o sujeito, por razões de estratégia, a buscar demonstrar comportamentos desejáveis socialmente (Athayde, 2012). Destaca-se ainda que, mesmo identificando uma experiência prévia, os participantes podem não estar cientes da sua influência, portanto, forneceriam relatos imprecisos (Greenwald & Banaji, 1995).

Ao longo dos últimos anos foram encontradas expressivas evidências de que os indivíduos processam a informação sobre o seu meio ambiente não apenas de modo explícito (controlado, consciente), mas também de maneira implícita (automática, inconsciente). Como alternativa ao formato de medida explícita, na busca por controlar a tendência da desejabilidade social e ampliar o acesso às informações, apresenta-se o uso de medidas implícitas, ou seja, de respostas automáticas e espontâneas que tragam informações das quais o respondente não tem consciência (Bassili& Brown, 2005).

Neste contexto, levando em consideração o posicionamento do sujeito sobre um determinado conceito se faz relevante a introdução e compreensão do conceito de atitude. As atitudes podem ser definidas consensualmente como formadas por três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental (Athayde, 2012). Segundo Rodrigues et al (2009), atitudes podem referir-se a uma organização de crenças duradouras e cognições em geral, com carga afetiva a favor ou contra um objeto o que gera uma ação coerente com as cognições e afetos relacionados a este objeto. Sendo assim, a visão de mundo do indivíduo, bem como a sua reação diante dele, sofre influência de suas atitudes (Michener, DeLamater, & Myers, 2005). Deste modo, pensar em medidas implícitas corresponde a pensar em traços introspectivos não identificados, ou identificados de maneira errônea, de experiências passadas que geram um sentimento favorável ou não, além de pensamentos e ações em relação a um determinado objeto (Greenwald&Banaji, 1995).

A complexidade de fenômenos que circundam o comportamento humano sugere que as atitudes que o influenciam não estejam relacionadas apenas a componentes explícitos, mas sim que há aspectos implícitos que contribuem na previsão da diversidade de comportamentos. As atitudes implícitas coexistem com as explícitas em relação a um mesmo objeto, diferenciando-se de acordo com o componente avaliativo, estabilidade e acesso (Vargas et al., 2007; Stuttgen et al., 2011).

Os testes projetivos representam uma das primeiras tentativas relacionadas à avaliação de processos não conscientes e podem ser representadas pelo Método de Rorschach, o Desenho da Figura Humana e o teste House-Tree-Person-HTP (Meyer & Kurtz, 2006). As tarefas apresentadas preocupam-se com o processo psicológico e são pouco estruturadas. Por possuir uma metodologia de aplicação indireta, e permitir respostas livres, o examinando não tem controle sobre o que está sendo avaliado (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

Neste tipo de técnica, são levantadas questões sobre os conceitos de validade e precisão e sobre a formação profissional para o uso adequado das técnicas, relacionada a não influencia do avaliador na interpretação dos resultados (Cunha, 2006).

Durante as décadas de 1960 e 1970, outras linhas de pesquisa desenvolveram medidas indiretas, também denominadas medidas não reativas, que consistem na observação e no registro de determinadas respostas sem que o avaliador esteja presente na situação de avaliação, desta forma, com ausência de conhecimento do processo de avaliação por parte do sujeito que está sendo avaliado. Essas medidas permitem a redução de aspectos artificiais relacionados com o controle consciente sobre a medida, mas apresentam problemas de controle experimental, bem como questões éticas, uma vez que são realizadas sem o consentimento do participante (Filgueiras, et al. 2012)

A seguir, serão apresentados exemplos de medidas explícitas e implícitas na avaliação de valores humanos.

## **2.2 Medidas Explícitas de Valores Humanos**

Serão apresentadas as principais formas de avaliação acerca do estudo de Valores Humanos, apresentando inicialmente os instrumentos referentes às teorias de valores culturais e, em sequência, os instrumentos referentes as teorias pessoais.

### **2.2.1 Medidas de Valores Culturais**

Conforme explanado anteriormente, dois pesquisadores merecem destaque no âmbito dos valores culturais, sendo que, à princípio, será abordado o trabalho desenvolvido por Hofstede. O instrumento proposto pelo autor corresponde a um dos mais usados no mundo no contexto de gestão intencional, de valores e marketing, representando a possibilidade de avanço para estas áreas (Athayde, 2012).

O instrumento de autorrelato de Hofstede, traduzido para mais de 20 línguas e composto por doze metas de trabalho, as quais devem ser analisadas de acordo com a importância para o indivíduo, foi utilizado no estudo transcultural realizado pelo autor, realizado em 66 países e com a participação de mais de 100.000 funcionários. Uma análise fatorial da medida resultou em quatro dimensões de valores culturais: distância hierárquica ou do poder; individualismo versus coletivismo; feminilidade versus masculinidade e evitação de incerteza. Tais dimensões foram utilizadas originalmente para mensurar os

valores relacionados ao trabalho, baseando-se nas diferenças culturais entre as nações (Ferreira, Assmar, & Solto, 2002).

Cada país participante da pesquisa foi identificado de acordo com um escore para posicioná-lo em um contínuo com a representação de cada uma das dimensões, o que possibilitava que fossem classificados em quadrantes de acordo com as diferentes combinações possíveis. Após esta classificação, Hofstede (1984, 1997) pode concluir que as diferenças observadas entre os países puderam ser justificadas através da cultura nacional.

Posteriormente, um grupo de pesquisadores chineses, liderado por Michael Bond (1987), investigou se o estudo desenvolvido por Hofstede havia sido enviesado pela cultura ocidental. Nesta investigação, foi desenvolvido um questionário baseado nos valores fundamentais da cultura chinesa e o mesmo foi aplicado em 23 países. Foram confirmados três dos quatro fatores originais de Hofstede, sendo eles: individualismo versus coletivismo, feminilidade versus masculinidade e distância do poder e foi identificado um novo fator, o dinamismo confuciano. De acordo com os resultados obtidos neste estudo, Hofstede (1997) legitimou o novo fator, denominando-o de orientação de vida a curto versus a longo prazo, sendo assim, uma classificação cultural foi possível, em termos de valores, considerando cinco dimensões (Smith & Bond, 1990).

No entanto, o instrumento sofre diversas críticas, principalmente quanto a sua validade. A amostra utilizada na pesquisa que o fundamentou foi constituída, em sua maioria, por participantes do sexo masculino, o que interfere diretamente nos fatores masculinidade versus feminilidade e distância do poder, além da amostra ser considerada homogênea, podendo enviesar os resultados, uma vez que foram utilizados trabalhadores de uma mesma empresa (Athayde, 2012).

O segundo pesquisador que merece destaque na investigação dos valores na perspectiva cultural é Inglehart que desenvolveu um instrumento referente ao materialismo e pós-materialismo. Este instrumento deriva da teoria de Maslow (1954), com doze indicadores que englobam as necessidades, sendo metade para descrever valores de orientação materialista (segurança física e econômica) e a outra metade para valores de orientação pós-materialista (autorrealização estética e intelectual, qualidade de vida, vida comunitária).

Selecionados os valores que iriam representar os itens da escala, Inglehart propôs uma medida a nível ordinal, agrupando as doze perguntas em três baterias de itens, as quais são compostas por quatro itens cada, dois que representem a orientação materialista e dois que representem a orientação pós-materialista. O participante elege como meta para o seu país nos próximos dez anos os elementos mais ou menos importantes. Considera-se cada bateria separadamente e em seguida, o participante revisa suas respostas e deve indicar qual meta é a prioritária dentre as doze que constituem as três baterias.

Foram realizados diversos estudos (Montero&Torcal, 1994; Braithwaite, Makkai&Pittelkow, 1996; Gouveia, 1998) para testar o instrumento e diante os resultados indicaram uma adequada estrutura transcultural de valores. Sendo assim, a limitação identificada no instrumento diz respeito a teoria, tendo em vista a falta de clareza sobre a definição de polos opostos pela dimensão (Souza, 2012).

### **2.2.2 Medidas de Valores Individuais**

Nesta sessão serão apresentados os instrumentos de maior destaque e utilização no campo da mensuração de valores humanos na perspectiva individual. Para tanto, se faz relevante iniciar esta apresentação descrevendo o instrumento elaborado em 1967 pelo precursor do estudo de valores humanos na perspectiva individual, Rokeach.

Seu instrumento (*Rokeach Value Survey – RVS*) alcançou prestígio em nível mundial, apresentando cinco versões que visavam identificar os valores humanos. As mais conhecidas são as formas D e E. Na forma D os valores são impressos em rótulos, com cola removível e é solicitado que os entrevistados organizem os rótulos a fim de formar uma ordem de classificação dos valores. Na forma E, por sua vez, os valores são classificados pelos entrevistados através da atribuição de números, nos quais 1 representa mais importante, 2 o segundo mais importante e assim sucessivamente (Doring, 2008).

A construção do instrumento baseou-se em uma lista com 555 palavras definidoras de traços de personalidade. Com interesse focado nos valores de cunho positivo, excluíram-se palavras com conotação negativa, reduzindo a lista para 200 palavras. Para maior seleção, foram utilizados critérios de exclusão, tais como: valores considerados sinônimos, valores altamente correlacionados, valores pouco importantes para sociedade estadunidense, valores

pouco discriminantes quanto ao status social, sexo, raça, etc, valores pouco significativos em todas as culturas e valores que pudessem refletir modéstia, vaidade ou arrogância.

A estrutura do instrumento corresponde a um inventário de 36 valores dividido em duas partes: 18 valores terminais referindo-se a metas gerais da existência, como por exemplo, igualdade e liberdade e 18 valores instrumentais, expressando comportamentos ou qualidades morais, tais como ser obediente e honesto. Os participantes respondem ao instrumento através de uma escala do tipo ordinal, na qual se apresenta duas listas de valores (terminais e instrumentais). Devem-se colocar, para cada lista, os valores descritos em ordem de importância, estando no primeiro lugar o mais importante e, conseqüentemente, no último, o menos importante (Tamayo& Porto, 2009).

No que corresponde aos parâmetros psicométricos da medida, foram apresentados por Rokeach (1973), dados suficientes para avaliá-la. Levando em consideração que os valores são uma representação cognitiva das necessidades, ele reuniu esforços para avaliar a validade convergente do seu instrumento com as necessidades, observando que os dados abarcam três necessidades básicas (realização, afiliação e poder) e, de maneira negativa, com o valor obediência.

Com um instrumento proposto fundamentalmente para a sociedade dos Estados Unidos, a proposta da obra de Rokeach era modesta e sem intenções transculturais. No entanto, houve grande expansão da sua obra gerando diversas versões para seu instrumento, o que, conseqüentemente, aumentou o número de críticas (Gouveia, 1998).

Outra perspectiva teórica que possibilitou o desenvolvimento de instrumentos para avaliação de valores foi a *Teoria de Valores de Schwartz*, com o desenvolvimento do “*Schwartz ValueSurvey*” - SVS ou *Questionário de Valores de Schwartz*, seu primeiro instrumento e, atualmente, uma das medidas mais utilizadas no mundo em pesquisas sobre valores humanos.

Segundo Schwartz (2006), as hipóteses de conteúdo e a estrutura postulada pela sua teoria, vem sendo validadas através dos dados obtidos em inúmeras pesquisas desenvolvidas em diferentes países, como por exemplo, entre os anos de 1988 a 2002, 68 países foram investigados, considerando sua diversidade cultural, religiosa, geográfica, entre outros.

A construção do instrumento ocorreu através do levantamento bibliográfico sobre a temática, bem como, relações de valores já utilizadas em instrumentos anteriores, tais como o *Rokeach Value Survey* (Rokeach, 1973), Braithwaite e Law (1985) e Hofstede (1984). Schwartz escolheu valores que se assemelhavam a cada uma das metas motivacionais propostas por ele, elaborou um banco amostral com valores específicos (Schwartz, 1992).

O SVS era composto por 56 itens na sua primeira versão, os quais dividiam-se em duas relações mantidas de acordo com a premissa de Rokeach, a classificação de valores em terminais e instrumentais. Os 30 primeiros eram expressos como substantivos e os 26 restantes como adjetivos (Schwartz, 1992). Foi utilizada uma escala de nove pontos para mensuração dos valores: 7) suprema importância; 6) muito importante; 5) e 4) não rotulados; 3) importante; 2) e 1) não rotulados; 0) não importante e -1) oposto aos meus valores (Schwartz, 1992). Para evitar o uso distorcido da escala, o participante deveria ler todos os itens de cada uma das listas e selecionar os itens de suprema importância e aqueles opostos a seus valores, esse processo foi chamado de “ancoramento” (Tamayo, 2007).

Uma nova versão do instrumento, contendo 57 itens, foi apresentada por Schwartz (1994), na qual um valor mal interpretado na primeira versão foi excluído e outros dois foram incluídos. Foram encontrados índices de confiabilidade (alfa) médios que variavam entre 0,60 (tradição) e 0,75 (universalismo) para os dez tipos motivacionais, considerando 212 amostras (Schwartz, 2005a; Schwartz 2005b).

Tamayo (2007) afirma que o SVS corresponde a um avanço em relação ao RVS considerando três aspectos: 1) considera uma relação mais representativa dos valores humanos ao contemplar culturas além da americana; 2) cada valor, após o processo de ancoragem, é avaliado de maneira independente (rating), permitindo análises estatísticas mais robustas diante da escala ordinal (ranking) proposta por Rokeach; e 3) é apresentada uma estrutura de tipo fatorial que acessa valores de acordo com a proposta teórica de Schwartz, abrangendo uma estrutura de relações dinâmicas entre os valores.

Segundo Schwartz (2006), o SVS é o instrumento mais utilizado para avaliar os 10 tipos motivacionais da teoria de valores básicos, sendo traduzido para 47 línguas, incluindo o português do Brasil. Mesmo apresentando vasta aceitação no campo acadêmico, alguns resultados insatisfatórios relacionados à estrutura de valores obtidos através de aplicações do SVS e o alto grau de abstração exigido do respondente para o SVS, dificultando sua

aplicação, representam algumas limitações do instrumento, levando o pesquisador a realizar reflexões e desenvolver um novo instrumento (Sambiase, Teixeira, Bilsky, Araujo, Domenico, 2014).

O *Portrait Value Questionnaire – PQV* mensura os valores dos indivíduos através de curtas descrições verbais. Foi projetado para estudar os dez valores em nível individual, em amostras com crianças a partir dos 11 anos de idade, idosos e pessoas com baixo nível educacional. Visava verificar se a teoria de valores é válida independente da metodologia requerida no instrumento (Schwartz 2006).

Para cada valor são apresentados, em média, de três (estimulação, hedonismo e poder) a seis (universalismo) perfis. Estes perfis são apresentados e os respondentes devem indicar os quantos se identificam com a pessoa descrita através de uma escala que varia de “muito parecido comigo” a “não se parece em nada comigo”. Diante disto, são feitas inferências sobre os valores dos respondentes de acordo com a similaridade relatada com a pessoa descrita (Schwartz, 2011).

O instrumento é formado por descrições verbais de 40 pessoas diferentes, nas quais são indicadas suas metas, desejos ou aspirações, apontando implicitamente a importância dos valores correspondentes. Para representar pessoas guiadas pelos valores de poder, por exemplo, o seguinte item foi proposto: “Ele quer ter muito dinheiro e coisas caras”. Neste sentido, de acordo com Schwartz (2006), o instrumento apresenta características de medidas implícitas, uma vez que é possível capturar os valores das pessoas sem explicitar que elas são o alvo da investigação.

A estrutura obtida através deste novo instrumento confirma, de maneira razoável a teoria (Schwartz, 2011). Através de análises de escalonamento multidimensional, todos os valores apresentaram equivalência de significado entre as culturas, com alfas dos dez valores apresentando uma medida de 0,68 para 14 amostras de 7 países, variando de 0,47 para tradição e 0,80 para realização (Schwartz, 2005; 2006).

No entanto, na busca por instrumentos mais parcimoniosos, foi desenvolvida uma nova versão do PQV, com quase metade dos itens, visando atender os requisitos para uma pesquisa online, na qual comumente há limitação de espaço (Schwartz, 2006b). Em 2002 foi realizada a inclusão do PQV no *European Social Survey (ESS)*, sendo realizadas mais de

150.000 entrevistas através de amostras representativas de 32 países, sendo corroborada a sua validade transcultural (Schwartz, 2011).

Nesta nova versão, o PQV é composto por 21 itens, com consistência interna média de 0,56, variando de 0,36 para tradição a 0,70 para realização (Athayde, 2012). Segundo Schwartz (2006), mesmo com baixos índices de consistência interna, é possível através do instrumento, predizer sistematicamente comportamentos e atitudes.

Com relação à *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, Gouveia (1998) elaborou o *Questionário de Valores Básicos – QVB*, que traz relevantes avanços para a área da mensuração dos valores humanos, apresentando fundamentação teórica e padrões psicométricos referendados. Já foi aplicado, no Brasil, em mais de 50 mil pessoas e validado para mais de 20 países (Athayde, 2012).

Assim como para Schwartz (1992), a construção do instrumento de Gouveia (1998) contou com um apanhado de itens utilizados em outras publicações (Braithwaite & Scott, 1991; Levy, 1990; Schwartz, 1992) além da redação de itens que ou haviam sido contemplados de maneira parcial, ou simplesmente não haviam sido representados. Cada valor foi considerado como um construto latente, sendo representados através de unidades comportamentais.

A primeira versão, intitulada *Formas de entender a vida* era composta por 200 itens, correspondendo a 10 itens por valor: sobrevivência, sexual, estimulação, emoção, estabilidade pessoal, saúde, religiosidade, apoio social, ordem social, afetividade, pertença, realização, prestígio, maturidade, autodireção, justiça social, honestidade, tradição, sabedoria e beleza (Gouveia, 1998).

Buscando reduzir o número de itens com base na correlação item-total ( $r \geq 0,25$ ,  $p < 0,01$ ) e no poder discriminativo dos itens ( $t \geq 3,50$ ,  $p < 0,001$ ) esta construção preliminar foi aplicada em 143 estudantes universitários na Espanha. Neste processo, elegeu-se 110 itens, cinco para cada valor e foram incluídos os valores *poder* e *intimidade*. Utilizando-se de uma nova amostra de 250 estudantes espanhóis, foi avaliada em que medida a redução dos itens reduz a confiabilidade. Os resultados para as médias do  $\alpha$  de Cronbach com cinco (0,74) e com três itens (0,72) não foram estatisticamente diferentes, [ $F(249) = 1,08$ ,  $p > 0,05$ ], sendo

proposta uma medida contendo 66 itens, sendo três para cada um dos 20 valores (Gouveia, 1998).

Gouveia em 1998 considerava a tipologia de 22 valores básicos nos estudos iniciais para formação da teoria, sendo assim, buscando justificar esta estrutura com o instrumento de 66 itens ele realizou um terceiro estudo para a realização de uma análise fatorial exploratória com uma amostra de 250 estudantes universitários e para a realização de uma análise fatorial confirmatória uma outra amostra com 298 estudantes universitários. Desta forma ele comprovou a validade de construto e a fidedignidade da medida (Gouveia, 1998). Na busca pelo aprimoramento do instrumento, Gouveia (2003) acrescentou dois valores a sua lista, totalizando 24 valores básicos e considerando dois itens por valor no instrumento.

A versão atual do QVB foi proposta em 2008 por Gouveia et al. Nesta versão, as seis subfunções valorativas (interativa, suprapessoal, experimentação, normativa, existência e realização) passam a ser consideradas construtos latentes, sendo representadas por 18 valores específicos, três para cada subfunção, os quais haviam sido selecionados através de evidências empíricas encontradas em pesquisas anteriores.

A estrutura do instrumento é composta por dois descritores para cada valor: êxito – obter o que se propõe; ser eficiente em tudo o que faz, por exemplo. Através de uma escala de sete pontos, cada item é avaliado de acordo com os seguintes extremos: 1 (totalmente não importante) a 7 (extremamente importante), considerando a relevância de cada valor como princípio guia em suas vidas (Athayde, 2012).

Aplicado em diversas regiões do Brasil, bem como em diversos países do mundo, o QVB apresenta parâmetros psicométricos satisfatórios de validade e precisão para fins de pesquisa. Medeiros (2011), por exemplo, buscou reunir evidências empíricas sobre a adequação da *Teoria Funcionalista dos Valores* através de uma amostra de 34.020 pessoas provenientes dos 27 estados brasileiros. Foram realizadas análises estatísticas por região, testando a validade convergente, validade discriminante e consistência interna do questionário.

Além deste instrumento, a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 1998, 2003, Gouveia et al., 2010) possibilitou o desenvolvimento de outros instrumentos dedicados a mensuração de valores considerando diferentes tipos de amostra, tais como o *Questionário de Valores Básicos – Infantil (QVB-I)* elaborado por Gouveia et al. (2011), com 18 itens,

semelhante ao QVB, mas adaptado a amostra infantil, o *Questionário dos Valores Básicos com fins Diagnóstico (QVB-D)*, elaborado por Souza (2012), composto por 54 itens, que apresentaram bons parâmetros psicométricos de validade e precisão, justificando o seu emprego para triagem e diagnóstico, principalmente quando o objetivo for considerar o contexto aplicável e o *Questionário de Relatos Comportamentais Valorativos*, elaborado por Lima (2012) para avaliar relatos de comportamentos baseados na referida teoria. A elaboração deste questionário visou explorar a relação entre valores e comportamentos, buscando aferir o poder preditivo de duas teorias: Schwartz (1992) e Gouveia (1998,2003).

### **2.3 Medidas Implícitas de Valores Humanos**

Desde a década de 1980 há um grande foco sobre pesquisas relacionadas a introdução do uso de medidas implícitas. Visando testar sua eficácia e verificar as possíveis limitações, cresce o número de estudos nesta área, corroborando sua crescente importância (Bassili & Brown, 2005).

No final do século XX, além das medidas não reativas, novas medidas alternativas às medidas de autorrelato começaram a surgir, destacando-se o emprego do *Priming*, introduzido por Fazio (1995) e que busca criar um contexto-estímulo capaz de produzir um específico tipo de resposta ou efeito, e o *Teste de Associação Implícita (TAI)*, que trabalha com o tempo de reação das tarefas de discriminação frente a um conjunto de itens relacionados a diferentes categorias.

Além destas, medidas de respostas neurofisiológicas, tais como as obtidas através de testes de resposta galvânica da pele, técnicas de neuroimagem e movimentação dos olhos ou resposta pupilar têm contribuído para a avaliação por meio de processos automáticos ou implícitos, funcionando como alternativas de medidas implícitas por serem respostas neurais ou metabólicas, dependentes de órgãos corporais, que não costumam estar sob controle dos respondentes (Wittenbrink & Schwarz, 2007). Neste trabalho, nos limitaremos à apresentação e melhor descrição do Teste de Associação Implícita, medida implícita utilizada para realização da pesquisa apresentada nesta dissertação.

#### **2.3.1 Teste de Associação Implícita**

Proposto por Greenwald, McGhee e Schwartz (1998), o Teste de Associação Implícita – TAI (*Implicit Association Test – IAT*) baseia-se na ideia de que objetos atitudinais podem

ativar avaliações de maneira espontânea, afetando respostas subsequentes e suas velocidades (Athayde, 2012). Utilizando o paradigma do tempo de reação, mensurado na escala dos milissegundos e correspondente ao intervalo de tempo de resposta dos participantes, este teste mede a força das associações mentais automáticas, ou seja, quanto mais rápida for à avaliação de uma pessoa sobre a associação entre um conceito e um atributo, mais sentido esta relação faz para ela. O teste é capaz de acessar atitudes que o sujeito reluta em dizer explicitamente ou é incapaz de responder por desconhecimento. (Andrews, Greenwald, Hampson, Gordon, & Widdop, 2010).

A testagem implícita pode apresentar-se de duas maneiras: a forma lápis e papel e a computadorizada. Na primeira forma mede-se o número de associações realizadas em um tempo pré-determinado e na segunda, mede-se o tempo decorrido para realizar um número de associações pré-determinadas (Lemm, Lane, Sattler, Khan, & Nosek, 2008). O estudo empírico apresentado nesta dissertação fez uso da medida computadorizada que será detalhada a seguir.

### **2.3.1.1 Teste de Associação Implícita – Versão Computadorizada**

Nesse formato, os estímulos (palavras ou figuras) são apresentados aos participantes no centro da tela do computador. Os participantes fornecem suas respostas por meio das teclas E e I, para as mãos esquerda e direita, respectivamente. A instrução diz respeito a responder o mais rápido possível, evitando cometer erros (Greenwald, Nosek & Banaji, 2003).

O procedimento de aplicação do teste corresponde à apresentação de diferentes categorias de estímulos visuais ao indivíduo (por exemplo, raças branca e negra e adjetivos agradáveis e desagradáveis), que deverá responder, com rapidez, através das teclas E ou I, para categorizar os estímulos pertencentes a diferentes grupos conceituais. Numa situação A (bloco A), dois conceitos (por exemplo, raça branca e adjetivos agradáveis) são pareados em uma mesma tecla de resposta (por exemplo, “I”) e outros dois conceitos (neste caso, seriam raça negra e adjetivos desagradáveis) em outra tecla de resposta (geralmente, a tecla “E”). Numa situação B (bloco B), este pareamento será invertido (raça branca e adjetivos desagradáveis na tecla “I”; raça negra e adjetivos agradáveis na tecla “E”), possibilitando a ocorrência de um balanceamento das condições experimentais (Figura 4).

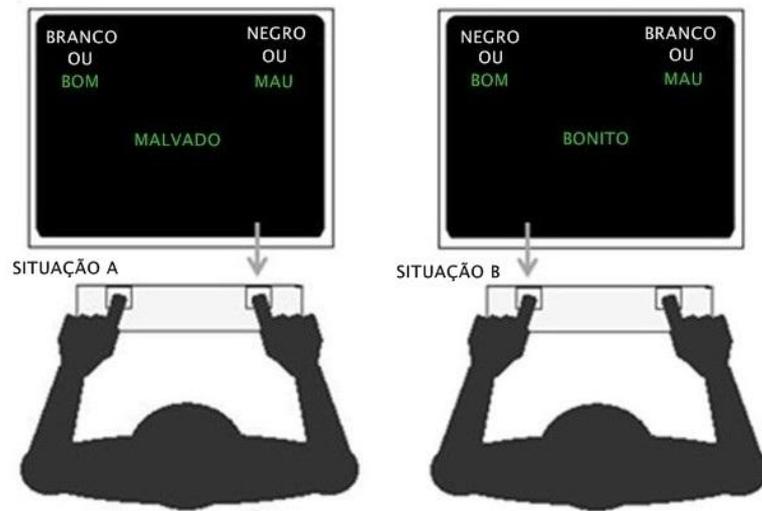


Figura 4. Ilustração da dinâmica experimental representando as situações de pareamento A e B.

Considera-se que a associação implícita foi fortalecida quando dois desses conceitos antecipadamente emparelhados tem o seu tempo de resposta mais rápido. Nos exemplos acima, as respostas mais rápidas tendem a ser dadas pelos sujeitos brancos na situação A do que na situação B, indicando que associam mais facilmente adjetivos agradáveis a pessoas da raça branca e adjetivos desagradáveis a pessoas da raça negra, do que o contrário (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998). Ao final da execução do teste, nos resultados, o bloco com menor média de tempo de associação (menor latência de resposta) é denominado bloco congruente, enquanto que aquele com maior média de tempo de associação (maior latência de resposta) é definido como bloco incongruente. A força das associações subjacentes corresponde ao resultado desta diferença entre a média de latência de resposta dos dois blocos.

Os *Tempos de Reação* representam a medida dependente do teste e seu procedimento é baseado na medição computadorizada do intervalo de tempo que os participantes demoram a realizar a classificação. Por exigir rapidez da resposta, o tempo é tradicionalmente medido na escala dos milissegundos através do programa de informática selecionado para execução do teste (Inquisit ou E-Prime, por exemplo). A *Frequência de erros*, por sua vez, relaciona-se a associação entre as categorias codificadas para a mesma resposta, que podem assumir-se fracas ou inexistentes, esperando-se, assim, um aumento na probabilidade de cometer erros

na classificação dos estímulos em consequência da competição de resposta, sendo uma medida complementar ao tempo de reação (Oliveira & Miranda, 2012).

Tendo em vista a variabilidade nos escores, derivados da diferença na habilidade de execução do teste, desenvolveu-se o Escore D, resultante da diferença entre os blocos congruentes e incongruentes, dividido pelo desvio-padrão do indivíduo em todas as latências de respostas, nos dois blocos (Greenwald, Nosek & Banaji, 2003). A força da associação também é indicada através dos valores do Escore D, no qual valores até 0,15 representam não haver uma preferência nítida; valores entre 0,16 e 0,35, representam uma associação fraca; valores entre 0,36 e 0,65, uma preferência moderada; e valores acima de 0,65, uma preferência forte. Estes índices se aplicam para valores positivos e negativos (Nosek, Greenwald, & Banaji 2007), que representam congruência com as situações do Bloco A ou do Bloco B, conforme a programação é feita no computador.

Pode-se utilizar o TAI no estudo de associações entre diferentes categorias. Um exemplo do uso da associação implícita em psicologia educacional ocorreu em um estudo com crianças entre 6 e 10 anos de idade, investigando-se o estereótipo cultural do gênero. O teste forneceu resultados nos quais as crianças demonstraram estereótipo cultural de gênero por associarem a matemática como uma disciplina com maior desempenho alcançado por homens (Cvencek, Meltzoff e Greenwald, 2011). O TAI também foi utilizado na avaliação de outros construtos, tais como ideação suicida (Nocket al., 2010), agressividade no esporte (Teubel, Asendorpf, Banse, & Schnabel, 2011), relacionamento amoroso (Lee, Rogge, & Reis, 2010), preconceito diante o uso de drogas (Hippel, Brener, & Hippel, 2008) personalidade implícita (Schnabel, Asendorpf, & Greenwald, 2006), autoestima e autoconceito (Greenwald & Farnham, 2000) e preferências políticas (Nosek et al., 2002).

Conclui-se que através do TAI se faz possível a obtenção de informações relacionadas ao funcionamento implícito, contribuindo para a identificação de preferências automáticas, espontâneas e associações de estímulos e conceitos, que podem estar fora do controle da consciência do indivíduo, com valências afetivas (Fazio & Olson, 2003).

### **2.3.2 Formas Alternativas ao TAI**

Visando a aplicação do teste a variados construtos, bem como a verificação de suas propriedades psicométricas, cresce o número de formas alternativas a medida. Cvenceket al. (2011), por exemplo, construíram o *PreschoolImplicitAssociation Test – PSIAT*, visando utiliza-lo em crianças na faixa dos 4 anos de idade para investigar o desenvolvimento de atitudes estereotipadas em crianças jovens. O teste *Go/Nogo*, por sua vez, foi validado em 2010 por Lee, Rogge e Reis. As associações implícitas neste teste estudavam as origens da decadência em um relacionamento, detectando os primeiros estágios da desilusão.

Além destes destacam-se também o do *FilteringUnconsciousMatchingofImplicitEmotions* ou teste FUMIE (Mori et al., 2008), o *Palm IAT* (Dabbs, Bassett, & Dyomina, 2003) e o *Single Categorie IAT* ou SC-IAT (Karpinski & Steinman, 2006), sendo este o destaque na presente dissertação, foco na pesquisa que posteriormente será apresenta. O mesmo será detalhado na sessão a seguir.

### **2.3.2.1 Single Categorie**

Diversos objetos atitudinais possibilitam uma categoria complementar, ou seja, dois domínios categóricos que se emparelham com os adjetivos (Greenwald & Farnham, 2000). No entanto, pensando nos objetos que não possuem categoria complementar óbvia ou a mesma tem pouco sentido e, a fim de avaliar a força de associação entre uma única categoria e a classe de adjetivos, Karpinski e Steinman (2006) propuseram uma versão adaptada do TAI, o *Single Categorie IAT* ou *SC-IAT*. Esta nova modalidade permite a elaboração de um teste que não exija categorias complementares, possibilitando ao pesquisador investigar conceitos de maneira independente, examinando não apenas as associações comparativas.

Este novo formato preserva muitas propriedades do TAI, de forma que, tal como o original, no primeiro estágio palavras com conotação positiva e objeto atitudinal são categorizados em uma chave de resposta, e palavras com conotação negativa são categorizadas em uma chave diferente. No segundo estágio, as palavras com conotação negativa e o objeto atitudinal são emparelhadas e categorizadas em uma chave de resposta, ao passo que palavras com conotação positiva são avaliadas em outra chave de resposta. Com a intenção de ter acesso à força da associação avaliativa através de um único objeto atitudinal, através da eliminação de uma segunda categoria de contraste o *SC-IAT* foi desenvolvido. Sendo assim, a criação de dois testes *SC-IAT* permite avaliar duas categorias

independentemente, ao invés de avaliar duas categorias complementares, excluindo ambiguidades existentes na interpretação dos escores do TAI (Athayde, 2012).

Na busca por evidências da consistência interna e validade do *SC-IAT*, Karpinski e Steinman (2006) desenvolveram quatro estudos e em três diferentes preferências atitudinais (marca de refrigerante, autoestima e atitudes raciais) foram encontradas evidências de que o *SC-IAT* traz contribuições relevantes na capacidade de mensurar e compreender a cognição social implícita. O primeiro estudo relacionava-se à atitude diante de marcas de refrigerante, *Coca-Cola e Pepsi*, visando avaliar a validade preditiva do *SC-IAT*. Foi observado nível razoável de consistência interna da medida e escores com predição de intenções melhor que os encontrados através do TAI.

No segundo estudo, a investigação relacionava-se a verificar se a correlação do *SC-IAT* com relação ao self era mais forte com medidas explícitas de autoestima do que o TAI self/outros. Com relação ao self e medidas explícitas de autoestima, foram encontradas fortes correlações com o *SC-IAT*, porém, esta medida não se correlacionou com o TAI self/outros, o que representa associações distintas. O terceiro estudo visou avaliar um viés racial na resposta do *SC-IAT* por negros ou brancos através do uso dos descritores *preto e branco* separadamente. Não foram encontradas diferenças significativas na avaliação dos participantes negros e os participantes brancos associaram de maneira implícita *branco* de forma positiva. Os escores do *SC-IAT* e do TAI não se correlacionaram com as medidas implícitas e os escores do *SC-IAT* foram correlacionados significativamente com os escores do TAI. Neste caso, uma conclusão trazida pelos autores diz respeito a possibilidade de interpretação mais minuciosa do preconceito racial implícito com o uso da independência conceitual entre branco e preto através do *SC-IAT*.

O quarto e último estudo objetivou verificar a possibilidade de falsear respostas no teste. Através de experimentos encontrou-se esta possibilidade, no entanto, havia um aumento na taxa de erro e, por consequência, era possível realizar a identificação e eliminar estes participantes da amostra. Ao fim deste estudo, Karpinski e Steinman (2006) puderam concluir que o *SC-IAT* é uma medida válida e consistente e contribui para a compreensão da cognição social implícita.

Por fim, destaca-se uma revisão realizada por Nosek, Greenwald e Banaji (2007), na qual se descreveu a infinidade de possibilidades do uso do TAI, em disciplinas como

psicologia, seja ela social, cognitiva, clínica, do desenvolvimento, entre outras. Tais achados ratificam a relevância do desenvolvimento de pesquisas que mensurem não apenas atitudes, mas todo e qualquer tipo de construto em que se deseje observar a existência da associação implícita (Athayde, 2012).

### **3CRÍTICAS E LIMITAÇÕES DAS MEDIDAS IMPLÍCITAS**

A evolução em um curto espaço de tempo e as vantagens observadas nas medidas implícitas em relação as explícitas não as isentaram de críticas. Segundo Steffens (2004), o TAI é menos suscetível a falsificação de resultados ao ser comparado com o uso de questionários. As circunstâncias e as instruções apresentadas na aplicação do teste determinaram a sua pontuação, considerando ainda a possibilidade de conhecimento prévio da técnica.

Com relação à veracidade das medidas implícitas, Wax e Tetlock (2005) afirmaram que os escores obtidos no TAI demonstram apenas a consciência do indivíduo sobre estereótipos culturais comuns, refletindo a realidade social, o que não significa que ele tenderá a apoiá-los. Em uma pesquisa sobre preconceito racial e TAI, Arkes e Tetlock (2004) afirmam que os dados podem refletir estereótipos sociais compartilhados, ao invés de um posicionamento individual, além de considerarem a relação afetiva negativa dos respondentes como consequência de cognições e emoções, não estando ligadas diretamente ao preconceito, sendo possível considerar os resultados como indicativos e não diagnósticos.

Considerando que os estudos ainda são ambíguos, é fato que muitos aspectos relacionados às medidas implícitas necessitam de maiores esclarecimentos, como uma maior observação na validade preditiva, identificando se os escores fornecem o comportamento real dos participantes (Fiedler et al., 2006; Gouveia et al., 2012). Torna-se relevante para a ciência que problemas desta natureza sejam abordados sob o rigor da metodologia científica para que os avanços possam ser considerados seguros.

Deve-se debater e investigar questões relacionadas à falta de padronização na seleção dos estímulos, em que, muitas vezes, os pesquisadores selecionam estes estímulos para construção dos instrumentos através de medidas explícitas já existentes para determinados construtos, por exemplo, sem seguir algum padrão específico, além da adequação do modelo de associação subjacente, a propensão do modelo para as diferenças de latência e o papel desempenhado por estratégias autogeradas. Resultados de pesquisas que se debruçam sobre esta problemática propiciaram em referência para pressupostos teóricos que possam vir a ser testados ou refutados empiricamente (Fiedler et al., 2006; Gouveia et al., 2012).

As críticas dirigidas a mensuração implícita, relacionadas a sua aplicabilidade, mensurabilidade, confiabilidade, poder preditivo e relação com outras medidas, tais como as explícitas devem representar para os pesquisadores que a utilizam e defendem como possibilidades de aprimoramento metodológico (Gouveia et al., 2012). Autores como Noseket al. (2011) consideram os primeiros quinze anos das medidas implícitas como fundamentadores de uma base sólida para uma nova fase, com foco na resolução de problemas relacionados aos seus mecanismos subjacentes e influência no comportamento.

Com cautela na aplicação e investigação de suas limitações, as medidas implícitas representam uma nova técnica a ser aprimorada, com notáveis contribuições ao desenvolvimento da Psicologia, sobretudo da Avaliação Psicológica, permitindo novos recursos com indicadores válidos e precisos para avaliar processos mentais automáticos e muitas vezes inconscientes (Gouveia et al., 2012). Além disso, destaca-se sua contribuição na investigação de construtos que sofrem influência da desejabilidade social, como os valores humanos.

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

## **1 OBJETIVOS**

Diante do cenário apresentado, destaca-se a relevância em investigar valores humanos uma vez que representam algo desejável e importante para sociedade. Grande parte dos estudos sobre este construto que contemplem a realidade brasileira apresentam-se fazendo uso das medidas explícitas, as quais possuem limitações tais como a possibilidade de manipulação dos participantes. Neste sentido, na busca por superar essas limitações, novas formas de avaliação passam a ser utilizadas, tais como o Teste de Associação Implícita que usa o processamento cognitivo implícito, captando aspectos inconscientes. A investigação sobre o uso do tempo de processamento cognitivo no processo de avaliação psicológica representa a abertura de um campo muito promissor para o desenvolvimento de futuras pesquisas.

### **1.1 Objetivo geral**

Construir e buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna para um Teste de Associação Implícita baseado em Categoria Única (SC-TAI-Valores-Schwartz) para avaliação de valores, fundamentado na Teoria dos Valores de Schwartz.

### **1.2 Objetivos específicos**

1. Busca de evidências de validade com base na estrutura interna para o SC-TAI-Valores-Schwartz.
2. Validade Convergente com medidas explícitas (Questionário de Valores de Schwartz e Questionário de Valores Básicos de Gouveia) e uma implícita (SC-TAI-Valores-Gouveia).
3. Validade Discriminante de uma medida de desejabilidade social.

## 2 MÉTODO

### 2.1 Desenho do estudo

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo de caráter transversal e abordagem quantitativa, com objetivo descritivo e inferencial.

### 2.2 Participantes

A amostra foi do tipo não-probabilística, sendo o recrutamento por conveniência, uma vez que participaram aqueles que aceitaram, voluntariamente, fazer parte do estudo. Compuseram a amostra 61 sujeitos, de ambos os sexos, com idades acima de 18 anos. Grande parte dos participantes correspondiam a pessoas do sexo feminino (75,4 %) ,solteiras (83,6 %) e com diferentes níveis de escolaridade (47,5% nível superior (pós-graduação) completo ou incompleto, 45,9% nível superior (graduação) completo ou incompleto e 6,6% ensino médio completo ou incompleto). Considerando a etnia, 47,5 % identificou-se como branco, 39,3% pardo, 11,5% negro e 1,6% como indígena. Caracterizando o tipo de cidade na qual residia a mais de 10 anos, 59% residiu em cidades entre 100 e 500 mil habitantes, 27,9% em cidades com mais de 1 milhão de habitantes, 9,8% em cidades entre 500 e 1 milhão de habitantes e 3,3% em cidades com menos de 100 mil habitantes. A renda dos participantes caracterizou-se com 26,2% apresentando renda maior a 5100,00 reais, 26,2% com renda entre 3400,00 a 5100,00 reais, 24,6% com renda entre 1700,00 a 3100,00 reais e 23% com renda até 1700,00 reais.

### 2.3 Instrumentos

Dois conjuntos de instrumentos foram utilizados para coleta, um deles no formato lápis e papel, correspondente às medidas explícitas e o outro no formato computadorizado, correspondente às medidas implícitas.

#### 2.3.1 Medidas explícitas

##### a. *Questionário de Valores de Schwartz – Anexo I*

Elaborado por Schwartz (1992), este instrumento é composto por itens-valores, acompanhados de uma breve definição, como por exemplo, *igualdade (oportunidades iguais para todos)*, *poder social (controle sobre os outros, domínio)*. Foi utilizada a versão com 44 itens que apresentam validade transcultural. Os itens devem ser respondidos considerando o grau de importância de cada valor, como princípio-guia para suas vidas, através de uma escala

de 8 pontos, sendo 0 (sem importância alguma) e 7 (de suprema importância). Computam-se os 44 itens para que se formem dez tipos motivacionais: *Universalismo* (8 itens), Autodireção, Benevolência, Tradição, Segurança (5 itens cada), Realização, Conformidade (4 itens cada), Poder e Estimulação (3 itens) e Hedonismo (2 itens) (Schwartz & Bardi, 1997).

Em relação ao parâmetro psicométrico de validade da medida, alcançaram-se resultados positivos com o uso da técnica estatística de escalonamento multidimensional não paramétrico, SSA (SimilarityStructureAnalysis) que plota os itens em um espaço multidimensional, com distâncias entre os pontos refletindo as interrelações entre os itens (Athayde, 2012). Segundo Schwartz (1992), utilizando técnicas de SSA, considerando os dados de 20 países classificados em 40 subamostras, em 67,5% dessas amostras encontrou-se todos os dez tipos de valores e em 92,5% se identificou pelo menos oito tipos. Com relação a investigação da consistência interna dos fatores, Lima (2012) encontrou que os dez tipos motivacionais obtiveram Alfa de Cronbach médio de 0,67 ( $dp=0,07$ ), com valores que variaram entre 0,55 (Tradição) e 0,75 (Benevolência).

*b. Questionário dos Valores Básicos (QVB) – Anexo II*

Este instrumento foi elaborado com base na Teoria Funcionalista dos Valores (Gouveia, 1998, 2003) e é composto por 18 itens relacionados a valores básicos. Cada valor contém dois descritores, por exemplo, o valor emoção é descrito por desfrutar desafiando o perigo e por buscar aventuras; o valor poder é descrito por ter poder para influenciar os outros e controlar decisões e ser o chefe de uma equipe; e assim por diante.

É solicitado que cada participante avalie cada item, considerando a importância como princípio-guia para suas vidas, através de uma escala que varia de 1 (totalmente não importante) a 7 (totalmente importante). Os itens são distribuídos em seis subfunções igualmente: experimentação (emoção, prazer e sexual), realização (êxito, poder e prestígio), existência (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência), suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade), interativa (afetividade, apoio social e convivência) e normativa (obediência, religiosidade e tradição).

Uma análise realizada por Gouveia (2003) mostrou que esta medida apresenta validade convergente com a que propõe Schwartz e, com base em 199 análises fatoriais confirmatórias realizadas por Gouveia, Milfont, Fischer e Santos (2008), este instrumento

apresenta índices de bondade de ajuste satisfatórios:  $\chi^2 / \text{g.l.} = 2,67$ ; GFI = 0,91; AGFI = 0,89 e RMSEA = 0,05. Para o conjunto das seis subfunções (Existência, Realização, Normativa, Suprapessoal, Experimentação e Interacional), sua consistência interna (Alfa de Cronbach) média foi de 0,51.

*c. Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (EDSMC-20) – Anexo III*

Esta escala foi criada originalmente por Crowne e Marlowe (1960), adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2009), apresentando uma versão abreviada, composta por 20 itens com melhores saturações ( $\alpha \geq 0,30$ ). Sua consistência interna, mesmo com menor número de itens que a versão original, foi considerada satisfatória (Gouveia et al 2009).

A análise dos Componentes Principais indicou a existência de um fator geral com 20 itens (EDSMC-20), os quais explicavam 13% da variância total ( $KR20 = 0,76$ ). Além disso, o modelo unifatorial, comprovado por meio da análise fatorial confirmatória, foi considerado aceitável (AGFI = 0,90 e RMSEA = 0,05), com  $KR20 = 0,75$ . Os itens se referem a informações pessoais e se dividem em dois tipos: a) comportamentos frequentes e pouco desejáveis socialmente (exemplos: "gosto de fazer fofoca" e "já senti vontade de quebrar coisas"); e b) comportamentos pouco frequentes, mas socialmente desejáveis (exemplos: "estou sempre disposto (a) a admitir quando cometo um erro". Os 20 itens são respondidos por cada participante individualmente, sem limite de tempo, de acordo com os seus comportamentos cotidianos, assinalando 1 para verdadeiro e 0 para falso.

*d. Dados sociodemográficos – Anexo IV*

Para caracterizar a amostra investigada foi solicitado aos participantes que respondam questões relacionadas à idade, sexo, estado civil e local onde residem.

### **2.3.2 Medidas implícitas**

*a. Single Categorie IAT de Valores Humanos – Schwartz (SC-TAI-Valores-Schwartz) – Versão computadorizada*

O instrumento foi elaborado com base na teoria dos Tipos Motivacionais de Schwartz (1992) e implementado por meio do software Inquisit4, no qual foi feita uma adaptação da sintaxe do *Single Categorie IAT* (Karpinski&Steinman, 2006) para o contexto desta pesquisa.

No instrumento, são realizados onze testes: um correspondente a treino (com o tema de amizade) e dez correspondentes aos valores de Schwartz.

Do *Questionário de Valores de Schwartz* foram selecionadas três palavras-estímulo para representar cada uma das 10 categorias, as quais representavam os 10 valores presentes na teoria de Schwartz: universalismo (tolerância, igualdade, sabedoria); benevolência (honestidade, prestativo, lealdade); hedonismo (prazer, satisfação, curtir); poder (autoridade, poder, prestígio); realização (responsabilidade, capacidade, eficácia); segurança (integridade, ordem social, estabilidade); conformidade (polidez, obediência, moderação); tradição (devoção, respeito, conservação); estimulação (mudança, desafio, audácia) e autodeterminação (independência, liberdade, autonomia).

Num primeiro momento, são apresentadas as instruções sobre o funcionamento do teste, e subsequentemente, são apresentadas as palavras-estímulo na área central da tela do computador. Os participantes têm duas chaves de resposta a sua disposição: tecla E, chave da esquerda, e tecla I, chave da direita. As instruções orientam para que as palavras do centro sejam associadas o mais rápido possível, buscando evitar erros, com as categorias da esquerda ou direita, palavras relacionadas à categoria importante (útil, essencial, necessário) ou não importante (inútil, dispensável, desnecessário), respectivamente. Esse bloco serve apenas para o sujeito se familiarizar com os termos e com a tarefa em si.

Em um segundo momento, bloco 2, o primeiro emparelhamento entre a categoria e o valor em foco é realizado, por exemplo, importante+autodireção ao lado esquerdo do teclado, e não importante ao lado direito. Nesse sentido, a orientação aos participantes foi: pressione a tecla E (chave da esquerda), quando aparecer no centro da tela um sinônimo da palavra importante (por exemplo, essencial) ou algum valor referente à autodireção (por exemplo, independência). A tecla I (chave da direita), por sua vez, deverá ser pressionada caso apareça no centro da tela uma palavra sinônimo da categoria não importante (por exemplo, inútil).

No bloco 3, repete-se a realização desta tarefa com a finalidade de obter uma média entre os dois resultados. Nos blocos 4 e 5, inverte-se o emparelhamento entre as categorias, seguindo o exemplo anterior, a categoria importante passa a ficar representada sozinha ao lado esquerdo do teclado, e a categoria não importante é emparelhada aos descritores do valor autodireção. Sendo assim, os participantes deverão pressionar a tecla E para os sinônimos da

categoria importante e a tecla I para os sinônimos da categoria não importante ou para os descritores do valor autodireção.

Após a finalização de cada teste é fornecido ao participante um feedback sobre o seu desempenho. Automaticamente é apresentado pelo programa um valor referente ao escore D do participante e uma explicação sobre sua força, classificada como fraca, moderada ou forte, bem como sobre a direção da associação, positiva ou negativa. O escore D nada mais é do que a diferença de tempo para associação dos valores com o lado importante e o lado não importante, ponderado pelo desvio padrão de todos os tempos de latência (importante + não importante) (Greenwald et al., 1998). Portanto, cada sujeito recebe um escore D para cada um dos dez valores.

*b. Single Categorie IAT de Valores Humanos – Gouveia (SC-TAI-Valores-Gouveia) – Versão computadorizada*

O instrumento foi elaborado por Athayde (2012) com base na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos de Gouveia (1998, 2003). Para construção do instrumento, foram utilizadas palavras representativas dos valores, algumas retiradas do QVB e outras que representavam a mesma ideia. Para este estudo adaptou-se a versão através do software Inquisit4, na qual são realizados sete testes: um correspondente a treino (com o tema de amizade) e seis correspondente às subfunções propostas por Gouveia (2003, 2012). Os procedimentos são semelhantes aos apresentados no subtópico anterior, referente ao Single Categorie IAT de Valores Humanos – Schwartz (SC-TAI-Valores-Schwartz) – Versão computadorizada.

A autoria tinha como objetivo comprovar a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003) a nível implícito e isto foi alcançado. Foram verificadas as relações entre as medidas implícitas e explícitas e, no que diz respeito às medidas implícitas, a subfunção que apresentou maior média foi interativa ( $M = 0,17$ ;  $DP = 728$ ), enquanto nas medidas explícitas, a que apresentou maior média foi existência ( $M = 6,07$ ;  $DP = 0,68$ ). Já a que apresentou menor média no caso das medidas implícitas foi a subfunção realização ( $M = 0,05$ ;  $DP = 489$ ), enquanto para as medidas explícitas foi a subfunção experimentação ( $M = 4,73$ ;  $DP = 0,94$ ).

Também foram testados o escore convencional e D, apresentando maior eficácia o escore D. Considerando que o Teste de Associação Implícita trabalha com tempo de reação do

indivíduo e faz um cálculo que toma como base o seu desempenho nas tarefas congruentes e incongruentes são permitidos valores tanto positivos como negativos, mas, mesmo assim, através da média dos valores dos escores C e D, observou-se que todos os valores foram avaliados de forma positiva, confirmando o efeito da associação implícita, na qual as associações são mais fortes e consistentes como algo importante do que não importante (Athayde, 2012).

## **2.4 Procedimentos**

A pesquisadora convidou pessoas a participarem voluntariamente da pesquisa agendando horários para realização das atividades. Parte da coleta foi realizada em Recife-PE, no laboratório do Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica (NEAP) e parte em Petrolina-PE, no laboratório Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP). Todos preenchem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo V) e durante o estudo, todos os aspectos éticos exigidos na pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, foram respeitados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas da UFPE.

A coleta era realizada individualmente, em uma sala contendo uma mesa, uma cadeira e um computador. Foi seguida a mesma ordem de aplicação dos instrumentos para todos os participantes. No que se refere à medida implícita, iniciava-se a atividade com o experimento de treino, com a temática “amizade” e a disponibilidade da pesquisadora para quaisquer dúvidas que pudessem surgir. No momento em que o participante confirmava ter compreendido a tarefa, a pesquisadora mantinha-se em silêncio para evitar influenciar o procedimento.

No que diz respeito ao questionário de autorrelato, foram fornecidas instruções padrão, as quais esclareciam que as respostas eram individuais, não existiam respostas certas ou erradas, bem como era ratificado da necessidade de respostas sinceras e honestas.

## **2.5 Análise dos dados**

Para atingir os objetivos propostos foram realizadas análises de escalonamento multidimensional e correlacionais. Para investigação da estrutura interna do SC-TAI-Valores-Schwartz, os escores D dos participantes nos dez fatores desse instrumento foram submetidos

a uma análise de escalonamento multidimensional (PROXSCAL). Nesta análise esperava-se encontrar uma estrutura circumplexa, compatível com a proposição teórica de Schwartz (1992).

Todos os outros estudos (validade convergente e discriminante) foram investigados por meio do Coeficiente de Correlação de Pearson. De uma forma geral, esperava-se a obtenção de coeficientes positivos e significativos entre as diversas medidas de valores, especialmente entre as mesmas escalas de instrumentos de medida explícita e implícita.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram analisados com auxílio do software StatisticalPackage for the Social Sciences – SPSS, versão 20.

#### 3.1 Single Categorie IAT de Valores Humanos – Schwartz (SC-TAI-Valores-Schwartz) – Versão computadorizada

Para investigação da validade com base na estrutura interna da SC-TAI-Valores-Schwartz, foi realizada uma análise multidimensional (PROXSCAL), que permite obter estimativas quantitativas de similaridade entre itens, que são plotadas em um gráfico, no qual a proximidade sugere similaridade estrutural (Hout, Papesh, &Goldinger, 2013). Os escores D foram padronizados (z) e as proximidades entre os dez valores de Schwartz foram representadas em distâncias euclidianas e plotados num gráfico bidimensional, que é apresentado na Figura 5.

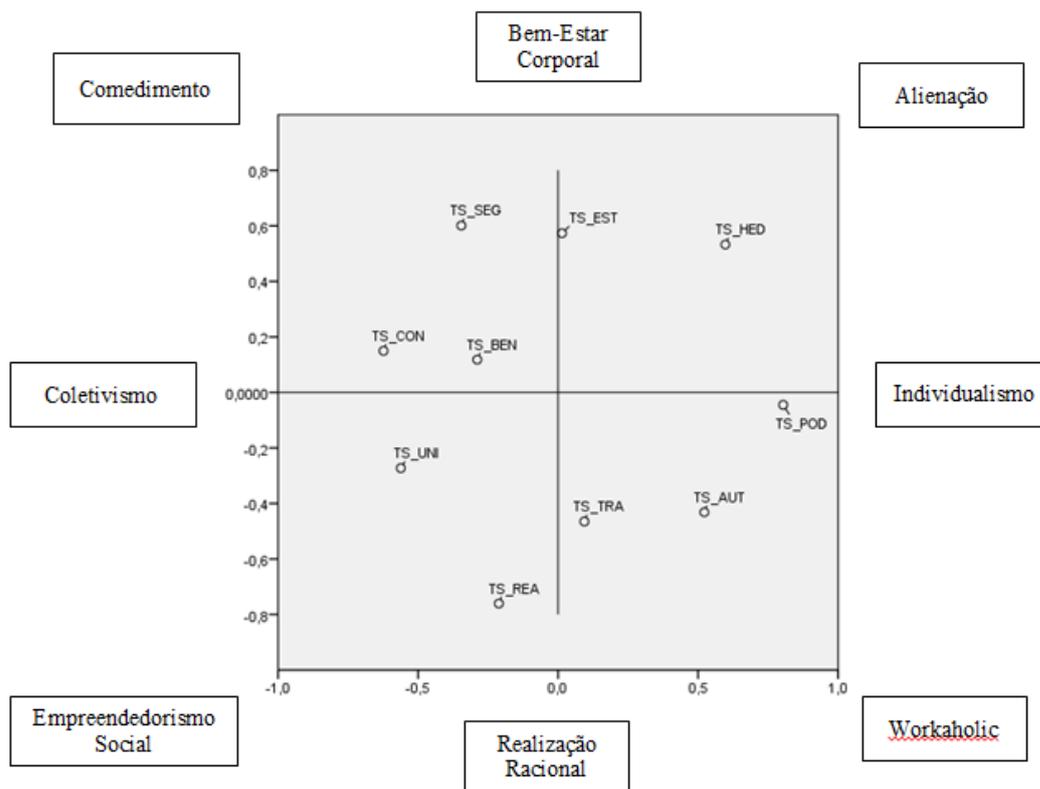


Figura 5: Gráfico de Similaridades do Modelo de Schwartz – SEG (Segurança), EST (Estimulação), HED (Hedonismo), CON (Conformidade), BEN (Benevolência), UNI (Universalismo), POD (Poder), TRA (Tradição), AUT (Autodireção) e REA (Realização).

Para verificar a adequação dessa estrutura, há dois tipos de índices que podem ser observados: os de estresse e os de ajuste. Os índices de estresse indicam a qualidade de conflito presente nos dados. Por exemplo, um participante pode obter dois escores altos nos valores A e B, enquanto outro participante obtém um escore alto no valor A e um baixo no valor B. Isso representaria uma dificuldade no estabelecimento de similaridades entre os valores em questão. O tamanho dessa dificuldade é representado pelos índices de estresse. Por sua vez, o índice de ajuste indica o quanto os dados se adequaram ao estabelecimento das similaridades entre as variáveis. Numa situação ideal, os índices de estresse devem ser iguais a zero e os de ajustamento iguais a 1, mas, na prática, observa-se apenas a proximidade dos índices de seus respectivos valores ideais.

Nesse estudo, foram usados dois índices de estresse (estresse bruto normalizado e S-Stress) e dois de ajustamento (quantidade de dispersão explicada e o coeficiente de congruência de Tucker). A estrutura observada obteve índice de Estresse Bruto Normalizado de 0,04375 e S-Stress igual a 0,11289. A quantidade de dispersão explicada (DAF) foi de 0,95625 e o Coeficiente de Congruência de Tucker foi de 0,97788. Esses dados podem ser considerados como muito bons, pois se aproximam dos valores ideais.

Então, o que se observa na Figura 5 é que os valores se distribuem no espaço bidimensional em função de duas dimensões bipolares latentes. No eixo das abscissas está representada a dimensão que vai do *coletivismo* (valores negativos) ao *individualismo* (valores positivos), e, no eixo das ordenadas está a dimensão que vai da *realização racional* (valores negativos) ao *bem-estar corporal* (valores positivos). Assim, pode-se observar que o *poder* é um valor altamente *individualista*, enquanto o *universalismo* e a *conformidade* são valores relacionados mais fortemente com o *coletivismo*. De forma semelhante, a *realização* é um valor mais relacionado com o direcionamento dos esforços (especialmente os relacionados à cognição) para a consecução de um objetivo externo (*realização racional*), enquanto a *estimulação* é um valor mais relacionado com o *bem-estar corporal*.

A interação entre essas duas dimensões gera áreas (quadrantes) em que os valores sofrem influência de ambas as forças. Por exemplo, o quadrante um é representado pelo *hedonismo*, que é claramente a interação entre *individualismo* e *bem-estar corporal*. Esse quadrante foi denominado “*alienação*” por estar em oposição ao *empreendedorismo social*, que seria a interação entre o *coletivismo* e a *realização racional* (nenhum valor foi

representado nesse extremo). De forma semelhante, o vício em trabalho (*workaholic*) está no quadrante influenciado pelo *individualismo* e a *realização racional*, com a *autonomia* como o valor que mais se aproxima desse extremo, e que está em oposição ao *comedimento*, advindo da interação entre o *coletivismo* e o *bem-estar corporal* (nenhum valor foi representado nesse extremo).

Uma comparação dos resultados obtidos com as proposições teóricas permite identificar diferenças entre o obtido e o esperado. A localização dos valores no espaço bidimensional define as relações entre eles, devendo-se observar as relações de conflito e congruência (Bilsky 2009). Uma vez que Schwartz considera a dinâmica existente entre os tipos de valores, observando suas compatibilidades e incompatibilidades motivacionais (Bilsky, 2009), é possível observar através da figura 5 a oposição de tipos motivacionais, tais como *poder* e *universalismo*, *hedonismo* e *tradição*, *realização* e *benevolência*. Tal fato corrobora a teoria, a qual afirma que tipos motivacionais opostos devem localizar-se em direções opostas enquanto tipos compatíveis, localizar-se-iam nas adjacências (Knafo, Roccas, & Sagiv, 2011).

No entanto, mesmo encontrando tais polaridades, a estrutura apresentada não retrata as proximidades dos valores de acordo com o modelo circumplexo proposto por Schwartz (1992). O autor traz que é possível identificar os mesmos tipos motivacionais em diferentes culturas apesar de a configuração apresentada ser possivelmente diferente. Neste sentido, após a aplicação do modelo teórico a obtenção de uma disposição dos valores distinta da apresentada na teoria pode ser justificada pelo contexto cultural, neste caso brasileiro e mais especificamente, pernambucano.

Torna-se relevante considerar que a cultura não possui uma definição concisa e muito menos consensual, mas, através de manifestações culturais são percebidos valores humanos compartilhados e considerados naquela cultura como prioritários ou afastados por ela (Martins & Pérez-Nebra, 2012). Sendo assim, considerando que os valores são metas conscientes que guiam os comportamentos de entidades sociais (Schwartz, 1992), mesmo que em diferentes sociedades os indivíduos manifestem respostas distintas às necessidades, na especificidade de suas culturas seria possível contemplar as dez categorias ou valores básicos que se diferenciariam em função do conteúdo motivacional que estivessem representando. Este conteúdo motivacional é o princípio organizador dos valores e o que permite relacioná-los,

fazendo com que os indivíduos façam classificações hierárquicas atribuindo graus de importância (Sambiase et al, 2014).

### 3.2 Single Categorie IAT de Valores Humanos – Gouveia (SC-TAI-Valores-Gouveia) – Versão computadorizada

Em decorrência da obtenção de estrutura diferente da esperada para o Modelo de Schwartz, resolveu-se verificar se a estrutura do modelo de Gouveia se reproduziria nesse estudo, já que foi desenvolvida no Brasil e confirmada em diversos outros países. Então, foi realizado um procedimento de análise semelhante à empregada com o modelo de Schwartz, com as pontuações no SC-TAI-Valores-Gouveia, cujos resultados estão na Figura 6.

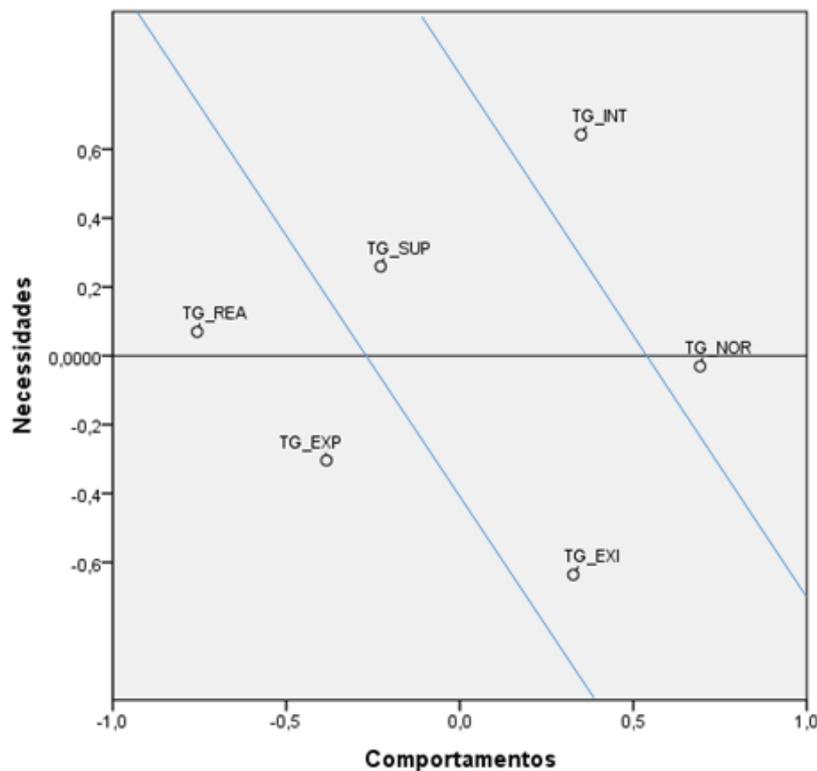


Figura 6 – Gráfico de Similaridades do Modelo de Gouveia – INT (Interacional), SUP (Suprapessoal), REA (Realização), NOR (Normativa), EXP (Experimentação), EXI (Existência).

Para essa estrutura os dados apresentaram um Índice Normalizado de Estresse igual a 0,01479 e de S-Stress igual a 0,04415. Os índices de ajuste foram de 0,98521 e de 0,99258 para o índice de dispersão explicada (DAF) e Coeficiente de Congruência de Tucker, respectivamente. Esses índices também podem ser considerados muito bons por se

aproximarem dos valores ideais. Sendo assim, passou-se à observação das similaridades no gráfico.

Observou-se que o modelo de Gouveia (1998) foi reproduzido, com o eixo das abscissas relacionado aos valores como padrão-guia dos comportamentos e o eixo das ordenadas relacionado aos valores como expressão das necessidades. Houve, no entanto, uma inversão inesperada entre *experimentação* e *realização*, que originalmente eram consideradas necessidades idealistas e materialistas, respectivamente, mas que se juntaram aos seus opostos. De qualquer forma, essa análise confirma, predominantemente, a proposta teórica de Gouveia, tendo em vista a clara divisão de polos, considerando, principalmente, o modelo hexágono sugerido pelo autor, que retrata os níveis de congruência entre os valores, nos quais baixa congruência estaria representada através dos lados opostos, com valores que possuem diferentes tipos de orientação e motivadores, exemplificados pela figura 6 com os valores *suprapessoale existência*, opostos no modelo teórico e pertencentes a expressões de necessidades distintas, sendo o primeiro relacionado a necessidades idealistas e o segundo a necessidades materialistas.

### **3.3 Validade Convergente**

Os estudos de validade convergente foram realizados em três etapas: 1- Correlação entre medidas explícitas (*Questionário de Valores de Schwartz e Questionário de Valores Básicos de Gouveia*) 2-Correlação entre medidas explícitas e implícitas (*SC-TAI-Valores-Schwartz e QVS; SC-TAI-Valores-Schwartz e QVB; SC-TAI-Valores-Gouveia e QVB*) e 3-Correlação entre medidas implícitas (*SC-TAI-Valores-Schwartz e SC-TAI-Valores-Gouveia*).

#### **3.3.1 Correlação entre medidas explícitas**

A Tabela 2 apresenta os coeficientes de correlação entre os questionários de valores por medidas explícitas através do *Questionário de Valores de Schwartz (QVS)* e *Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)*.

Tabela 2. Dados descritivos da correlação entre o *Questionário de Valores de Schwartz (QVS)* eo *Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)*

	Suprapessoal	Realização	Normativa	Interativo	Experimentação	Existência
Universalismo	,615**	-,096	,489**	,625**	-,162	,478**
Tradição	,281*	-,054	,744**	,281*	-,196	,397**
Segurança	,366**	,193	,562**	,518**	,087	,525**
Realização	,298*	,482**	,049	,256*	,332**	,231
Poder	-,164	,400**	,024	-,096	,510**	,065
Hedonismo	,124	,451**	-,220	,131	,619**	,178
Estimulação	,289*	,272*	-,066	,210	,465**	,118
Conformidade	,394**	-,104	,694**	,488**	-,262*	,550**
Benevolência	,486**	-,066	,583**	,667**	-,140	,582**
Autodireção	,582**	,323*	-,010	,592**	,257*	,472**

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Foram verificadas correlações abundantes, altas e significativas entre os fatores investigados. Estes resultados, quando interpretados a luz da teoria, representam coerência de acordo com o que cada valor representa. O valor *suprapessoal*, por exemplo, refere-se a um valor humanitário envolvendo pensamentos abrangentes e critérios universais e correlaciona-se com valores como *universalismo*, que envolve compreensão e bem-estar de todos.

O valor *normativa* faz referência a preservação de normas e tradições e correlaciona-se fortemente com o valor *tradição*, relacionado com a aceitação de costumes e de ideias estabelecidas. O valor *experimentação*, por sua vez, trata sobre a necessidade de satisfação fisiológica através do prazer, e se correlaciona com *hedonismo*, representante do prazer e da gratificação sexual. O valor *existência* apresentou alta correlação com o valor *segurança* e ambos tratam sobre necessidades de segurança e sobrevivência. Neste sentido, observa-se que

as correlações mais elevadas foram obtidas entre valores que apresentam de fato correspondência de conteúdo entre si.

### 3.3.2 Correlação entre medida explícita e implícita

Inicialmente foi realizado o estudo entre o *SC-TAI-Valores-Schwartz* e o *Questionário de Valores de Schwartz* estando os resultados obtidos apresentados na tabela 3.

Tabela 3. Dados descritivos da correlação entre o *SC-TAI-Valores-Schwartz* e o *Questionário de Valores de Schwartz (QVS)* – Linha vertical: referentes ao instrumento de autorelato e linha horizontal, referente ao instrumento de medida implícita

	A-U	A-T	A-S	A-R	A-P	A-H	A-E	A-C	A-B	A-A
Universalismo	,098	-,061	,024	-,040	-,221	,086	,121	-,042	,098	,098
Tradição	,045	-,090	-,060	-,125	-,135	-,116	-,034	-,069	,038	-,082
Segurança	,130	,155	,128	,202	,110	,093	,173	,086	,111	-,031
Realização	-,036	,118	-,060	-,131	-,248	-,146	-,150	-,039	,071	-,101
Poder	,263*	,324*	,188	,138	,032	-,035	,049	,215	,140	,116
Hedonismo	,190	,078	,285*	,143	,279*	,153	-,037	,172	,071	,160
Estimulação	-,124	-,090	-,070	-,033	,181	,029	,019	-,045	-,136	-,025
Conformidade	,020	-,117	,035	,046	-,040	,154	,128	-,106	-,049	,055
Benevolência	,156	,154	,194	,066	-,019	-,010	,033	,220	,274*	,101
Autodeterminação	,322*	,215	,324*	,136	-,025	-,025	-,132	,257*	,290*	,158

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Destaca-se nesta análise a diagonal apresentada na tabela 3, na qual demonstra as correlações entre os mesmos fatores avaliados através de diferentes metodologias (medida implícita computadorizada - *SC-TAI-Valores-Schwartz* nas linhas e medida explícita - QVS nas colunas).

As correlações são baixas e predominantemente não significativas. Mesmo aquelas significativas, em comparação com as obtidas entre os instrumentos de medidas explícitas, não

fazem tanto sentido do ponto de vista teórico, como, por exemplo, *universalismo*, relacionado com o bem-estar de todos e *tradição*, que trata da preservação de costumes, tais como respeito aos mais velhos, correlacionando-se com *poder* que traduz status social e prestígio. Além disso, a diagonal que apresenta as correlações entre as mesmas escalas nos dois instrumentos apresentou todos os coeficientes baixos, apenas um significativo, enquanto a expectativa era de que fossem os valores mais altos.

Na tabela 4, encontra-se os resultados obtidos através do estudo entre *SC-TAI-Valores-Schwartz* e o *Questionário de Valores Básicos de Gouveia*.

Tabela 4. Dados descritivos da correlação entre o *SC-TAI-Valores-Schwartz* e o *Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)* - Linha vertical: referentes ao instrumento de autorelato e linha horizontal, referente ao instrumento de medida implícita

	A- Suprapessoal	A- Realização	A- Normativa	A- Interativo	A- Experimentação	A- Existência
Universalismo	,169	,039	,052	,090	,181	-,012
Tradição	,008	-,031	-,002	-,025	,091	-,063
Segurança	,095	,125	,201	,027	,213	,016
Realização	,029	,033	,084	-,015	-,090	-,017
Poder	,042	-,038	,274*	,075	-,163	-,063
Hedonismo	-,001	-,111	,178	,013	,147	-,038
Estimulação	-,081	,232	-,045	-,025	,179	-,110
Conformidade	,140	,116	-,005	,138	,291*	,074
Benevolência	,198	,218	,164	,161	,152	,129
Autodeterminação	,218	-,079	,304*	,284*	-,208	,143

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Conforme pode ser observado na tabela 4, não há correlações substanciais entre a medida implícita de Schwartz e a medida explícita de Gouveia, assim como observado na investigação descrita anteriormente.

E por fim, o estudo descrito na tabela 5 refere-se à correlação entre o *SC-TAI-Valores-Gouveia* e o *Questionário de Valores Básicos de Gouveia*:

Tabela 5. Dados descritivos da correlação entre o *SC-TAI-Valores-Gouveia* e o *Questionário de Valores Básicos de Gouveia (QVB)* - Linha vertical: referentes ao instrumento de autorrelato e linha horizontal, referente ao instrumento de medida implícita

	A- Suprapessoal	A- Realização	A- Normativa	A- Interativo	A- Experimentação	A- Existência
Suprapessoal	,181	,121	,032	,363**	,320*	,362**
Realização	,241	-,075	,008	,122	,009	,237
Normativa	-,142	,034	-,021	-,122	,066	-,184
Interativa	-,130	,204	,086	,075	,141	,048
Experimentação	,075	,037	,190	,100	,071	,126
Existência	,063	-,174	,181	-,088	,076	-,234

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Diferentemente do esperado, a diagonal observada na tabela 5 demonstra resultados baixos e não significativos assim como os observados na descrição do estudo correlacional entre os instrumentos explícito e implícito relacionados à teoria de Schwartz.

Ao pensar sobre a ausência de correlação nestes resultados deve-se considerar o fato de que embora relacionados, os dois tipos de medidas (explícitas e implícitas) resultam de diferentes correntes de processamento de informações e aparecem ligadas a ativações em diferentes regiões do cérebro (Cunningham, Johnson, Gatenby, Gore, & Banaji, 2003).

Hofmann, Gawronski, Gschwendner, Le e Schmitt (2005), por exemplo, afirmam que o Teste de Associação Implícita (TAI) é relacionado sistematicamente às medidas de autorrelato e que variações nas correlações podem ser justificadas devido ao grau de espontaneidade da medida explícita de autorrelato ou ao grau de correspondência conceitual entre as medidas e os métodos relacionados com aspectos do teste. Além disso, este processo

avaliativo pode ser influenciado por fatores, tais como o tipo de objeto que está sendo avaliado. (Brunel, Tietje&Greenwald, 2004).

Estas possibilidades e incertezas correspondem à vanguarda da investigação da cognição social contemporânea, que visa investigar resultados discrepantes entre atitudes implícitas e explícitas (Gawronski&Bodenhausen, 2006). Alguns autores, tais como Riddel, Connell e Mackie (2008) já desenvolveram estudos sobre a dissonância cognitiva originada a partir da observação da incongruência entre atitudes implícitas e explícitas, observando que tal incongruência produz um estado de desconforto e leva o indivíduo a buscar a homeostase, resultando em uma mudança de atitudes diante do objeto em foco. Este campo ainda necessita de muita investigação acerca dos fatores que influenciam as baixas correlações ou até mesmo correlações inexistentes, entre ambas as medidas (Athayde, 2012).

### 3.3.5 Correlação entre medidas implícitas

Este estudo representa a inovação buscada nesta dissertação, relacionada a busca por correlação entre duas medidas implícitas: *SC-TAI-Valores-Schwartz* e *SC-TAI-Valores-Gouveia*. Os resultados obtidos podem ser observados na tabela 6.

Tabela 6. Dados descritivos da correlação entre o *SC-TAI-Valores-Schwartz* e o *SC-TAI-Valores-Gouveia*

	Suprapessoal	Realização	Normativa	Interativa	Experimentação	Existência
Universalismo	,040	-,168	-,104	-,071	,108	,058
Tradição	-,029	,043	-,142	-,006	,174	,163
Segurança	,105	-,121	,240	<b>,301*</b>	,179	,192
Realização	,128	,159	-,006	,191	,082	,029
Poder	,079	,227	,053	,010	,178	,047
Hedonismo	<b>,274*</b>	-,019	,053	,225	,077	,184
Estimulação	,007	-,227	,135	<b>,296*</b>	-,066	,087
Conformidade	,122	-,048	-,014	-,030	,140	,065
Benevolência	,163	,008	,094	,092	<b>,398**</b>	-,179
Autodeterminação	,102	,059	,109	,012	-,040	,107

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Os resultados obtidos indicam poucas correlações significativas entre ambas medidas de valores investigadas através do TAI. Tendo em vista a escassez de estudos acerca da possibilidade de correlação entre medidas implícitas, compreender e descrever estes resultados corresponde um grande desafio. Considerando que ambos os testes avaliam o mesmo construto, esperava-se encontrar um considerável número de correlações entre os mesmos. Neste sentido, a interpretação dos resultados baseou-se não apenas nos modelos teóricos subjacentes, mas também no questionamento sobre o que está sendo avaliado através do TAI.

Desta forma, buscou-se na literatura hipóteses que ajudassem a explicar esses resultados: 1- retomada da relação entre medidas implícitas e explícitas e possíveis modelos explicativos acerca do processamento envolvido; 2- influência do contexto cultural na avaliação; 3- relação do indivíduo com o objeto investigado e 4- categorias usadas no teste implícito.

Com relação ao primeiro item, se faz relevante retomar a discussão acerca da relação entre medidas implícitas e explícitas, através dos estudos desenvolvidos por Fazio e Olson (2003) e Olson e Fazio (2009), no qual defendem um modelo para explicar a relação entre medidas implícitas e explícitas, o MODE (Motivation and Opportunity as Determinants), que traduzido para o português corresponde a “motivação e oportunidade como determinantes”. De acordo com este modelo, motivações e oportunidades situacionais podem determinar as ações. A dimensão da relação entre as atitudes implícitas e explícitas irá depender da motivação e oportunidade para deliberar, sendo assim, o comportamento esperado em relação ao objeto atitudinal deve ser ativado automaticamente. Ao considerar uma resposta explícita, quando a motivação e a oportunidade de deliberar forem baixas haverá maior possibilidade de correlação e, da mesma forma, quando a motivação e a oportunidade de avaliação dos objetos atitudinais forem altas, será menor a possibilidade de correlação (Gouveia et al., 2012).

Retomar esta relação entre medidas explícitas e implícitas é relevante para compreender a capacidade preditiva das medidas implícitas com relação a comportamentos subsequentes. Ao pensar nesta capacidade deve-se considerar que os processos de decisão não são puramente espontâneos e nem puramente deliberativos, são consideradas tanto as

características automáticas como as controladas (Fazio, 1995; Fazio&Olson, 2003; Olson&Fazio, 2009).

Sendo assim, o MODE traz que as ações podem ser determinadas por motivações e oportunidades situacionais, podendo os processos espontâneos ou deliberativos influenciar nas atitudes. Logo, o julgamento ou a postura comportamental sobre um determinado construto ou objeto pode sofrer a influencia da interpretação na situação ou ser ativada após a exposição a esse objeto (Gouveia et al., 2012). Refletindo desta forma, as medidas implícitas apresentarão superior poder preditivo quando houver motivação e oportunidade de deliberar baixas, devendo o comportamento esperado em relação ao objeto ser ativado automaticamente. Para motivação e oportunidade de deliberar altas, as medidas explícitas serão melhores predictoras por serem influenciadas pelas mesmas forças avaliativas.

Neste sentido, ao observar a validade preditiva de uma medida implícita em relação aos comportamentos e a sua relação com as medidas explícitas, deve-se considerar os processos motivacionais e deliberativos (Olson&Fazio, 2009). Este modelo traz a reflexão sobre o tipo de construto a ser avaliado através do TAI, sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas futuras para melhor compreensão sobre a precisão do TAI na avaliação de Valores Humanos.

Outra hipótese para as baixas correlações entre as medidas implícitas é o aspecto retratado no item 2, referente ao contexto cultural. Apesar de considerar que atitudes implícitas correspondem a processos ou preferências automáticas, analisar o papel da cultura neste contexto é extremamente importante, uma vez que os protótipos são construídos baseando-se na relação do indivíduo com o meio. As relações aprendidas culturalmente pelo indivíduo sobre o objeto a ser avaliado podem influenciar nas associações implícitas, acelerando ou reduzindo suas velocidades(Gouveia, Athayde, Mendes & Freire, 2012).

Este aspecto complementa a hipótese listada no item 3, sobre a relação direta do indivíduo com o objeto a ser avaliado. Ao investigar Valore Humanos, por exemplo, o conhecimento do participante sobre o que são valores humanos, a crença dele nestes valores, a relevância na sua vida e comportamentos, são fatores que poderão influenciar nos seus resultados, levando a conclusão de que as medidas implícitas são consideravelmente sensíveis ao contexto.

Por fim, abordando um aspecto mais metodológico, o item 4 traz a influência das categorias nos escores das avaliações, para aumentá-los ou diminuí-los. Estas categorias dizem respeito aos tipos de informações fornecidos no teste tais como: as instruções para sua realização, avaliando se são claras, objetivas e explicam sobre o tempo de resposta, erros e acertos; os rótulos de categorias e/ou estímulos, devendo-se observar se retratam realmente o que se busca avaliar, se as palavras são de fácil compreensão e se as cores utilizadas influenciam prejudicando ou facilitando respostas (Gouveia, Athayde, Mendes & Freire, 2012; Fazio&Olson, 2003).

### 3.4 Validade discriminante

Para investigar a validade discriminante com a medida explícita de desejabilidade social, foram calculados os coeficientes de correlação de Pearson sendo observada discriminância entre o TAI e a Escala de Desejabilidade Social.

Na tabela 7 estão descritos os dados obtidos através do *SC-TAI-Valores-Schwartz* e da *Escala de Desejabilidade Social*.

Tabela 7. Dados descritivos do estudo de validade discriminante entre o *SC-TAI-Valores-Schwartz* e a *Escala de Desejabilidade Social*

	DesejabilidadeSocial Total
TS_UNIVERSALISMO	,129
TS_TRADIÇÃO	,046
TS_SEGURANÇA	,028
TS_REALIZAÇÃO	,022
TS_PODER	,027
TS_HEDONISMO	,206
TS_ESTIMULAÇÃO	-,020
TS_CONFORMIDADE	,012
TS_BENEVOLÊNCIA	,255*
TS_AUTODIREÇÃO	,286*

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Pode-se observar duas correlações significativas indicando que pode haver relação entre os dados obtidos e a desejabilidade social. No entanto, diante dos outros resultados apresentados anteriormente, esta análise torna-se inconsistente uma vez que não se pode afirmar que o resultado representa realmente a ausência de desejabilidade social na maioria das escalas (TAI) ou se o problema se encontra no tipo de medida que está sendo utilizada.

Na tabela 8, verificamos os dados obtidos entre a *Escala de Desejabilidade Social* e o *SC-TAI-Valores-Gouveia*

Tabela 8. Dados descritivos do estudo de validade discriminante entre o *SC-TAI-Valores-Gouveia* e a *Escala de Desejabilidade Social*

	DesejabilidadeSocialTotal
TG_SUPRAPESSOAL	,129
TG_REALIZAÇÃO	,040
TG_NORMATIVA	-,140
TG_INTERACIONAL	,019
TG_EXPERIMENTAÇÃO	,088
TG_EXISTÊNCIA	,240

Neste caso nenhum valor se correlacionou com a desejabilidade social, e assim como o caso anterior, trazendo dúvidas sobre a ausência de correlações do instrumento com outras medidas ou se realmente não há correlação com a desejabilidade social, remetendo a toda problemática discuta nesta seção sobre o que se está sendo avaliado com estas medidas implícitas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação se propôs a construir uma medida implícita de valores humanos na versão computadorizada tendo como base o modelo teórico de Schwartz. Para tanto, alguns objetivos específicos foram definidos: buscar evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento, investigar a validade convergente com medidas explícitas e uma implícita e a validade discriminante com uma medida de desejabilidade social.

Em relação à validade baseada na estrutura interna, o modelo de Schwartz apresentou resultados diferentes do esperado, no entanto, tal qual afirmado pelo teórico, a estrutura de valores pode mudar de um contexto cultural para outro, sendo esta uma possível justificativa para os resultados encontrados. Logo, o que define a relação entre os valores não é a exata representação do modelo circunplexo proposto por Schwartz, mas sim as relações de conflito e congruência entre os tipos motivacionais em destaque no contexto cultural investigado, os quais são classificados hierarquicamente pelos próprios indivíduos que o compõe.

Sendo assim, mesmo diferente da proposta original, o modelo de Schwartz obtido permite uma interpretação que ajuda a compreender a relação entre os valores na amostra estudada, podendo-se afirmar que o modelo de Schwartz não foi confirmado, mas que o instrumento pode ser considerado como estruturalmente válido, dentro da nova interpretação. O modelo de Gouveia, por sua vez, tem sido reproduzido em vários países e foi reproduzido também nesse estudo, embora não totalmente, mas predominantemente.

Os estudos de validade convergente sugerem que as medidas de valores humanos investigadas através da associação implícita não são válidas, pois não convergiram com medidas dos mesmos construtos em instrumentos diferentes. Mesmo a convergência entre instrumentos que avaliam valores por associação implícita, novidade trazida por esse estudo, não resultou em uma matriz de correlações robustas entre os valores, como se observou entre os resultados obtidos por medidas explícitas. Assim, fica difícil explicar porque não se obtém correlações entre os valores quando eles são todos avaliados pelo mesmo tipo de medida, o Teste de Associação Implícita.

De modo geral, os objetivos propostos para este trabalho acadêmico foram alcançados, oferecendo contribuições a área da Avaliação Psicológica, das medidas implícitas e do estudo de Valores Humanos, através da construção do instrumento computadorizado e testagem da

relação do mesmo com medidas explícitas já existentes e, de maneira inédita, com outra medida implícita. Sendo assim, destaca-se dentre as maiores contribuições deste estudo: (1) a construção de uma medida implícita para avaliação de Valores Humanos baseada na Teoria de Schwartz; (2) o oferecimento a comunidade acadêmica de um instrumento implícito para avaliação de Valores Humanos e dados para possíveis replicações; (3) fornecimento de novos indícios acerca da relação entre medidas explícitas e implícitas; e (4) investigação sobre a relação entre duas medidas implícitas.

Desta forma, sugere-se para pesquisas futuras a consideração de alguns aspectos, como por exemplo, a estabilidade de tempo da medida. Construtos como valores humanos, são estáveis, desta forma, mesmo fazendo uso de uma medida implícita, os resultados devem ser estáveis. Para avaliação deste aspecto, se faz relevante o estudo da precisão através do teste-reteste. Ao observar que um mesmo participante, ao ser submetido a avaliação por meio de diferentes instrumentos porém, ambos de associação implícita, não está obtendo resultados semelhantes deve-se questionar se ao responder o mesmo teste, em diferentes ocasiões, como por exemplo um intervalo de uma semana, serão encontradas correlações entre as medidas.

Outro aspecto a ser observado é a amostra utilizada, uma vez que, na presente pesquisa, não foi probabilística, não representando a população da qual foi retirada, diminuindo consideravelmente as possibilidades de generalização.

Ao pensar sobre o uso do Teste de Associação Implícita para avaliação psicológica, sugere-se ainda que, em estudos futuros, sejam considerados outros processos cognitivos envolvidos na mensuração implícita, tais como atenção e memória, buscando estratégias para conhecer o quanto estes processos influenciam no processo avaliativo, bem como novos indicadores comportamentais relacionados a situações de dilemas reais, por exemplo. Quando focado no estudo de Valores Humanos, destaca-se que a investigação dos processos cognitivos envolvidos na avaliação destes valores proporciona também um campo para trabalhar possíveis intervenções na área, visando sua disseminação através de princípios como a dissonância cognitiva, considerando o estado de desconforto produzido pela incongruência entre atitudes implícitas e explícitas, o que leva o sujeito a encontrar a homeostase, podendo assim modificar suas atitudes diante do objeto em destaque (Riddelet al., 2008).

A psicologia cognitiva possui técnicas para modificar pensamentos automáticos e/ou crenças irracionais, as quais acabam predispondo o sujeito a comportamentos

desadaptativos. Neste sentido, se faz necessário o desenvolvimento de pesquisas que investiguem e subsidiem a obtenção de conhecimentos sobre estes processos cognitivos, visando identificar e compreender informações que permitam o avanço desta nova forma de medida, bem como possibilitem a ampliação do seu uso em diferentes contextos.

Por fim, é importante observar que a medida implícita criada e a investigação sobre as possíveis correlações entre duas medidas implícitas abre espaço para o estudo de valores humanos a nível cerebral, trazendo a possibilidade de inserção de outras medidas para esta investigação, tais como a estimulação transcraniana por corrente contínua ou de ressonância magnética funcional, uma vez que o teste possibilita que se captem milissegundos, o que facilita a interpretação das mudanças ocorridas a nível cerebral.

O campo de estudo das medidas implícitas é vasto e com inúmeras possibilidades. Trazer informações sobre cognição implícita relacionada com valores humanos permite conhecer os processos de associação de conceitos que o sujeito faz em relação a si mesmo e que influenciam sua percepção do mundo e seu comportamento.

## REFERÊNCIAS

- Andrews, J. A., Greenwald, A. G., Hampson, S. E., Gordon, J., & Widdop, C. (2010). Using the Implicit Association Test to assess children's implicit attitudes toward smoking. *Journal of Applied Social Psychology, 40*, 2387-2406.
- Allport, G. W., Vernon, P. E., and Lindzey, G. *A study of values* (2nd Ed.) Boston: Houghton-Mifflin, 1951.
- Arkes, H. R., & Tetlock, P. E. (2004). Attributions of implicit prejudice, or "would Jesse Jackson 'fail' the Implicit Association Test?" *Psychological Inquiry, 15*, 257-278.
- Athayde, R. A. A. (2012). *Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade* Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Bassili, J. N., & Brown, R. (2005). Implicit and explicit attitudes: Research, challenges and theory. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna. (Eds.), *Handbook of attitudes and attitude change* (pp. 543-574). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bilsky, Wolfgang. (2009). A estrutura de valores: sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idade e culturas. *RAM. Revista de Administração Mackenzie, 10*(3), 12-33.
- Braithwaite, V., Makkai, T., & Pittelkow, Y. (1996). Inglehart's materialism/postmaterialism concept: Clarifying the dimensionality debate through Rokeach's model of social values. *Journal of Applied Social Psychology, 26*, 1536-1555.
- Brunel, F.F., Tietje B.C., Greenwald A.G. (2004). Is the Implicit Association Test a valid and valuable measure of implicit consumer social cognition? *J Consum Psychol. 14*(4), 385-404.
- Carvalho, L. F., Bartholomeu, D., & Silva, M. C. R. (2010) Instrumentos para Avaliação dos Transtornos da Personalidade no Brasil. *Aval. psicol, 9*, (2), 289-298.
- Cunha, T. F. (2006). Facetas do fazer em avaliação psicológica. *Aval. psicol. 5*( 1 ), 119-121
- Cunningham, W.A., Johnson, M.K., Gatenby, J.C., Gore, J.C., & Banaji, M.R. (2003). Neural components of social evaluation. *J. Pers. Soc. Psychology, 85*, 639-649.
- Cvencek, D., Meltzoff, A. N., & Greenwald, A. G. (2011). Math-gende stereotypes in elementary-school children. *Child Development, 82*, 766-789.

- Dabbs, J. M., Bassett, J. F., & Dyomina, N. V. (2003). The Palm IAT: A portable version of the Implicit Association. *Behavior Research Methods Instruments Computers*, 35, 90-95.
- Debats, D.L. & Bartelds, B.F. (1996). *The structure of human values: a principal components analysis of the Rokeach Value Survey (RVS)*.
- Döring, A. K. (2008). *Assessment of children's values: The development of a picturebased instrument*. Tese de doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade de Münster, Alemanha.
- Fazio, R. H. (1995). Attitudes as object-evaluation associations: Determinants, consequences, and correlates of attitude accessibility. In R. E. Petty, & J. A. Krosnick (Eds.), *Attitude strength: Antecedents and consequences* (pp. 247-282). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2003). Implicit measures in social cognition research: Their meaning and use. *Annual Review of Psychology*, 54, 297-327.
- Ferreira, M. C., Assmar, E. M. L., & Souto, S. de O. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: Convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia em Estudo*, 7, 81-89.
- Fiedler, K., Messner, C., & Bluemke, M. (2006). Unresolved problems with the "I", the "A", and the "T": A logical and psychometric critique of the Implicit Association Test (IAT). *European Review of Social Psychology*, 17, 74-147.
- Filgueiras, A., Fioravati-Bastos, A. C., Charchat-Fichman, H., Cheniaux, E. & Landeira-Fernandez, J. (2012). Avaliação da ansiedade por meio do teste de associação implícita. In: *Métodos em Neurociência*, Barueri: Manole, 56-65.
- Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences*, 7, 385-400.
- Gawronski, B., & Bodenhausen, G. V. (2006). Associative and propositional processes in evaluation: An integrative review of implicit and explicit attitude change. *Psychological Bulletin*, 132, 692-731.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V.; Milfont, T. L.; Fischer, R.; Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In: TEIXEIRA, M. L. M. (Org.) Valores humanos e Gestão: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Senac, 47-80.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F., Santos, W. S., & Costa, J. M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 87-98.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Gouveia, R. S. V., Diniz, P. K. C., Cavalcanti, M. F. B., & Medeiros, E. D. (2010). Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/aparceiro/a ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 166-175.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In C. V. Torres, & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes*. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Sousa, D. M. F., Fonseca, P. N., Gouveia, R. S. V., Gomes, A. I. A. S. B. G., & Araújo, R. C. R. (2011). Valores, metas de realização e desempenho acadêmico: Proposta de um modelo explicativo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, 177-186.
- Gouveia, V. V. (2012). Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, evidências empíricas e perspectivas. Tese do Concurso para Professor Titular. Departamento de Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, 102, 4-27.
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. K. L. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480.
- Greenwald, A. G., & Farnham, S. D. (2000). Using the Implicit Association Test to measure self-esteem and self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 1022-1038.
- Greenwald, A. G., Nosek, B. A., Banaji, M. R. (2003) Understanding and Using the Implicit Association Test: I. An Improved Scoring Algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85 (2), 197-216.

- He, Y., Johnson, M. K., Dovidio, J. F., & McCarthy, G. (2009). The Relation between Race-related Implicit Associations and Scalp-recorded Neural Activity Evoked by Faces from Different Races. *Social Neuroscience*, 4(5), 426–442.
- Hippel, W. V., Brener, L., & Hippel, C. V. (2008). Implicit prejudice toward injecting drug users predicts intentions to change jobs among drug and alcohol nurses. *Psychological Science*, 19, 7-11.
- Hofmann, W., Gawronski, B., Gschwendner, T., Le, H., & Schmitt, M. (2005). A metaanalysis on the correlation between the Implicit Association Test and explicit self-report measures. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1369– 1385.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in word-related values*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Hofstede, G. (1997). *Cultures and organizations: software of the mind*. London, UK: McGraw Hill.
- Hout, M. C.; Papesh, M. H.; Goldinger, S. D. (2004). Multidimensional scaling, *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 4(1), 93–103. doi:10.1002/wcs.1203.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI.
- Inglehart, R., & Welzel, C. (2010). Changing mass priorities: The link between modernization and democracy. *Perspectives on Politics*, 2, 551-567.
- Karpinski, A., & Steinman, R. B. (2006). The Single Category Implicit Association Test as a measure of implicit social cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 16-32.
- Knafo, A. Roccas, S., & Sagiv, L. (2011). The value of values in cross cultural research: A special issue in honor of Shalom Schwartz. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 178-185.
- Kluckhohn, C. (1951). Los valores y las orientaciones de valor en la teoría de la acción. In T. Parsons, & E. A. Shils (Eds.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 435-485). Buenos Aires, BA: Editorial Kapelusz.

- Krosnick, J. A., Judd, C. M., & Wittenbrink, B. (2005). The measurement of attitudes. In B. T. Johnson, & M. P. Zanna. *The handbook of attitudes* (pp.21-76). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lee, S., Rogge, R. D., & Reis, H. T. (2010). Assessing the seeds of relationship decay using implicit evaluations to detect the early stages of disillusionment. *Psychological Science*, 21, 857-864.
- Lemm, K. M., Lane, K. A., Sattler, D. N., Khan, S., & Nosek, B. A. (2008). Assessing implicit attitudes with a paper-format Implicit Association Test. In T. G. Morrison & M. A. Morrison (Eds.), *The psychology of modern prejudice*, 123-146. Hauppauge, NY: New Science.
- Lima, T. J. S. (2012). *Modelos de valores de Schwartz e Gouveia: Testando hipóteses de estrutura, conteúdo e poder preditivo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Martins, R. M.; Pérez-Nebra, A. R. (2012) Como a cultura influencia a escolha de uma propaganda? Um teste transcultural. *Comunicologia - Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília*, Vol. 5, No 2.
- Maslow, A. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50, 370-396.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- McSweeney, B. (2002). Hofstede's model of national cultural differences and their consequences: A triumph of faith - a failure of analysis. *Human Relations*, 55, 89-118.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Doutorado não publicada. Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.
- Meyer, G. J., & Kurtz, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: time to retire "objective" and "projective" as personality test descriptors. *J. of Pers. Assess.*, 87, (3), 223-225.
- Michener, H. A., Delamater, J. D., & Myers, D. J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo: Thompson.
- Montero, J. R., & Torcal, M. (1994). *Value change, generational replacement and politics in Spain*. Madrid: Working Paper.

- Mori, K., Uchida, A., & Imada, R. (2008). A paper-format group performance test for measuring the implicit association of target concepts. *Behavior Research Methods*, 40, 546-555.
- Nock, M. K., Park, J. M., Finn, C. T., Deliberto, T. L., Dour, H. J., & Banaji, M. R. (2010). Measuring the Suicidal Mind: Implicit Cognition Predicts Suicidal Behavior. *Psychological Science*, 21, 511-517.
- Nosek, B. A., Banaji, M., & Greenwald, A. G. (2002). Harvesting implicit group attitudes and beliefs from a demonstration website. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6 (1), 101.
- Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2007). The Implicit Association Test at age 7: A methodological and conceptual review. In J. A. Bargh (Ed.), *Automatic processes in social thinking and behavior*. Psychology Press. (265–292).
- Oliveira M. & Miranda, M. (2012). Paradigma: Teste de Associação Implícita. *ISPA – Instituto Universitário, Laboratório de Psicologia*, 10 (2), 235-249.
- Olson, M. A., & Fazio, R. H. (2009). Implicit and explicit measures of attitudes: The perspective of the MODE model. In: R. E. Petty, R. H. Fazio, & P. Briñol (Eds.), *Attitudes: Insights from the new implicit measures* (pp. 19-63). London, UK: Psychology Press.
- Payne, B. K., & Gawronski, B. (2010). A history of implicit social cognition: Where is it coming from? Where is it now? Where is it going? In B. Gawronski & B. K. Payne (Eds.) *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (1-15). New York: Guilford Press.
- Parsons, T., & Shils, E. A. (1951). Los valores, los motivos y los sistemas de acción. In T. Parsons & E. A. Shils (Eds.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 65- 311). Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Perry, Ralph Barton. (1926) *General Theory of Value: Its Meaning and Basic Principles Construed in Terms of Interest*. New York: Longmans Green. Reprinted, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954. Defines value as simply the object of an interest.

- Pimentel, C. E. & Donnell, E. D. O. P. (2008). A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 696-713.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia Social*. 27ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rokeach, M. (1981). *Crença, atitudes e valores: Uma teoria de organização e mudança*. Rio de Janeiro: Interciência.
- Ros, M. (2006). Valores, atitudes e comportamento: Uma nova visita a um tema clássico. In M. Ros & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*. São Paulo: SENAC.
- Rydell, R. J., McConnell, A. R., & Mackie, D. M. (2008). Consequences of discrepant explicit and implicit attitudes: Cognitive dissonance and increased information processing. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 1526-1532.
- Sambiase, Marta Fabiano, Teixeira, Maria Luisa Mendes, Bilsky, Wolfgang, Araujo, Bruno Felix Von Borell de, & Domenico, Silvia Marcia Russi De. (2014). Confronting structures of values: a comparative study between PVQ-40 and PVQ-21. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4), 728-739.
- Schnabel, K., Asendorpf, J. B., & Greenwald, A. G. (2006). Implicit Association Tests: A landmark for the assessment of implicit personality self-concept. *British Journal of Social Psychology*, 45, 373-396.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.

- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Value Hierarchies Across Cultures: Taking a Similarities Perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-290.
- Schwartz, S. H. (2005). Validade e aplicabilidade da teoria dos valores. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamentos nas organizações* (pp. 56-59). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In M. Ross & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 55-85). São Paulo: Editora Senac.
- Schwartz, S. H. (2011). Studying values: Personal adventure, future directions. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 307-319.
- Sinha, D., & Tripathi, R. C. (1994). Individualism in a collective culture: A case of coexistence of opposites. In U. Kim, H.C. Triandis, C. Kagitcibasi, S. Choi, & G. Yoon (Eds.), *Individualism and collectivism: Theory, method and applications* (pp. 123-136). Thousand Oaks: Sage.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1999). *Social psychology across cultures*. Massachusetts: Allyn and Bacon.
- Steffens, M. C. (2004). Is the Implicit Association Test immune to faking? *Experimental Psychology*, 51, 165-179.
- Stüttgen, P., Vosgerau, J., Messner, C., & Boatwright, P. (2011). *Adding significance to the Implicit Association Test*.
- Souza, L. E. C. (2012). Medindo valores com parcelas de itens: Contribuições à teoria funcionalista dos valores. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Tamayo, A. (2007). Contribuições ao estudo dos valores pessoais, laborais e organizacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 17-24.
- Tamayo, A.; P, J. Validação do Questionário de Perfis de Valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.25, no. 3, 2009.
- Teubel, T., Asendorpf, J. B., Banse, R., & Schnabel, K. (2011). Implicit but not explicit aggressiveness predicts performance outcome in basketball players. *International Journal of Sport Psychology*, 42, 390-400.

- Vargas, P. T., Sekaquaptewa, D., & von Hippel, W. (2007). Armed only with paper and pencil: “Low-tech” measures of implicit attitudes. In B. Wittenbrink & N. Schwarz (Eds.), *Implicit measures of attitudes* (pp. 103-124). New York: The Guilford Press.
- Villemor-Amaral, A. E., & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das Técnicas Projetivas em Debate. *Psico-USF*, 11, (2), 185-193
- Vione, K. C. (2012). *As prioridades valorativas mudam com a idade? testando as hipóteses de rigidez e plasticidade*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Wax, A., & Tetlock, P. E. (2005). We are all racists at heart. *Wall Street Journal*, 16.
- Wittenbrink, B., & Schwarz, N. (2007). *Implicit measures of attitudes*. New York: Guilford Press.

## ANEXO I

### Questionário de Valores de Schwartz

**INSTRUÇÕES:** Por favor, leia com atenção os valores básicos e suas descrições listadas abaixo, e depois responda a seguinte pergunta: **COMO UM PRINCÍPIO-GUIA NA MINHA VIDA, ESTE VALOR É...**

0	1	2	3	4	5	6	7
Sem	Quase sem	Pouco	Algo	Importante	Bastante	Muito	Desuprema
importância	importância	importante	importante		importante	importante	importância

1. IGUALDADE (oportunidades iguais para todos)
2. PODER SOCIAL (controle sobre os outros, domínio)
3. LIBERDADE (liberdade de ação e pensamento)
4. ORDEM SOCIAL (estabilidade da sociedade)
5. UMA VIDA EXCITANTE (experiências estimulantes)
6. POLIDEZ (cortesia, boas maneiras)
7. RIQUEZAS (posses materiais, dinheiro)
8. SEGURANÇA NACIONAL (proteção da minhanação contra inimigos)
9. RETRIBUIÇÃO DE FAVORES (quitação de débitos)
10. CRIATIVIDADE (unicidade, imaginação)
11. UM MUNDO EM PAZ (livre de guerra e conflitos)
12. RESPEITO PELA TRADIÇÃO (preservação dos costumes estabelecidos há um longo tempo)
13. AUTODISCIPLINA (auto-restrição, resistência à tentação)
14. SEGURANÇA FAMILIAR (segurança para as pessoas que amamos)
15. UNIÃO COM A NATUREZA (integração com a natureza)
16. UMA VIDA VARIADA (cheio de desafio, novidade e mudança)
17. SABEDORIA (compreensão madura da vida)
18. AUTORIDADE (direito de liderar ou mandar)
19. UM MUNDO DE BELEZA (esplendor da natureza e das artes)
20. JUSTIÇA SOCIAL (corrigir injustiças, cuidar dos mais fracos)
21. INDEPENDENTE (ser auto-suficiente e auto-confiante)
22. MODERADO (evitar sentimentos e ações extremadas)
23. LEAL (ser fiel aos meus amigos e grupos)
24. AMBICIOSO (trabalhar arduamente, ter aspirações)
25. ABERTO (ser tolerante a diferentes idéias e crenças)
26. HUMILDE (ser modesto, não me autopromover)
27. AUDACIOSO (procurar a aventura, o risco)
28. PROTETOR DO AMBIENTE (preservar a natureza)
29. INFLUENTE (exercer impacto sobre as pessoas e eventos)
30. RESPEITOSO PARA COM OS PAISEIDOSOS (reverenciar pessoas mais velhas)
31. AUTO DETERMINADO (escolher meus próprios objetivos)
32. CAPAZ (ser competente, eficaz, eficiente)
33. CIENTE DOS MEUS LIMITES (submeter-me às circunstâncias da vida)
34. HONESTO (ser sincero, autêntico)
35. OBEDIENTE (cumprir meus deveres e obrigações)
36. PRESTATIVO (trabalhar para o bem estar de outros)
37. QUE CURTE A VIDA (gostar de comer, sexo, lazer, etc.)
38. DEVOTO (apegar-me fortemente à fé religiosa)
39. RESPONSÁVEL (ser fidedigno, confiável)
40. CURIOSO (ter interesse por tudo, espírito exploratório)
41. QUE PERDOA (desculpa os outros)
42. BEM SUCEDIDO (atingir os meus objetivos)
43. LIMPO (ser asseado, arrumado)
44. AUTO INDULGÊNCIA (fazer coisas prazerosas)

## ANEXO II

### Questionário de Valores Básicos

Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, **considerando seu conteúdo**. Utilizando a escala de resposta abaixo, **indique com um número de 1 a 7 o grau de importância que estes têm como um princípio que guia sua vida.**

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01. **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
02. **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
04. **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser chefe de uma equipe.
07. **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar física ou mentalmente enfermo.
10. **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. **PRESTÍGIO.** Saber quem é alguém que você admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar os seus pais e os mais velhos.
13. **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã será tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.
15. **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

### ANEXO III

#### Escala de Desejabilidade Social

**INSTRUÇÕES:** Leia as frases a seguir atentamente e indique se elas são verdadeiras (V) ou falsas (F) no que diz respeito à sua personalidade e comportamento.

01. ( ) É difícil fazer meu trabalho se não sou encorajado(a).
02. ( ) Já duvidei sobre minha habilidade para ter sucesso na vida.
03. ( ) Meus modos à mesa são os mesmos em casa ou em um restaurante.
04. ( ) Entraria em um cinema sem pagar, se soubesse que não seria visto.
05. ( ) Gosto de fazer fofoca.
06. ( ) Já senti vontade de me rebelar contra autoridades, mesmo sabendo que estavam certas.
07. ( ) Já fingi estar doente para fugir de alguma responsabilidade.
08. ( ) Já tirei vantagem de alguém.
09. ( ) Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo um erro.
10. ( ) Tento acertar as contas com alguém, em lugar de perdoar e esquecer.
11. ( ) Já insisti em ter as coisas feitas do meu modo.
12. ( ) Em algumas ocasiões, senti vontade de quebrar coisas.
13. ( ) Não me aborreço com pessoas que têm idéias muito diferentes das minhas.
14. ( ) Sinto-me chateado(a) quando falo algo e não me compreendem.
15. ( ) Algumas vezes, fico irritado(a) com pessoas que me pedem favores.
16. ( ) Nunca disse algo que magoasse alguém de propósito.
17. ( ) Nunca me chateei quando alguém me pediu para retribuir um favor.
18. ( ) Sou sempre educado(a), mesmo com pessoas desagradáveis.
19. ( ) Nunca deixaria alguém ser punido pelos meus erros.
20. ( ) Nunca antipatizei com alguém intensamente.

## ANEXO IV

### Dados para caracterização dos participantes

Esses dados serão utilizados para a finalidade dos participantes da pesquisa como um todo. Não serão divulgados, repassados ou utilizados para qualquer outra finalidade.

**1. Email:**

Não é obrigatório, mas recomendável. Após o período de coleta e análise dos dados, seus resultados serão enviados para este endereço.

---

**2. Idade:**

Em anos completos (apenas números)

---

**3. Sexo:**

- Masculino
- Feminino

**4. Estado civil:**

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Outros

**5. Etnia:**

- Branca
- Parda
- Negra
- Asiática
- Indígena

**6. Escolaridade:**

- Ensino Fundamental Completo ou Incompleto
- Ensino Médio Completo ou Incompleto
- Ensino Superior (Graduação) Completo ou Incompleto
- Ensino Superior (Pós-Graduação) Completo ou Incompleto

**7. Tipo de cidade em que residiu por mais tempo nos últimos 10 anos:**

- Com menos de 100 mil habitantes
- Entre 100 e 500 mil habitantes
- Entre 500 e 1 milhão de habitantes
- Mais de 1 milhão de habitantes

**8. Renda pessoal (se independente) ou familiar (se dependente):**

- Até R\$ 1700,00
- De R\$ 1700,00 a R\$ 3400,00
- De R\$ 3400,00 a R\$ 5100,00
- Mais de R\$ 5100,00

## ANEXO V

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário da pesquisa "**A avaliação de valores humanos por meio do Teste de Associação Implícita**", que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Débora Alves de Amorim** (telefones: [87] 9995-7054 | [87] 8804-4421, email: d.alvesamorim@outlook.com, endereço: Rua Dona Maria Lacerda, 166, apt 202, Bloco 2, Várzea, Recife - Pernambuco. CEP 50741-010), sob orientação de **José Maurício Haas Bueno** (telefone: [81] 8614-6550. email: mauricio.ufpe@gmail.com).

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa a quem está lhe entrevistando, para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que está respondendo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de interromper sua participação e retirar o consentimento dado em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

Esta pesquisa que tem como finalidade a construção de um Teste de Associação Implícita baseado em Categoria Única (SC-TAI-Valores-Schwartz) para avaliação de valores, no contexto brasileiro e a exploração da pertinência de seu uso em pesquisas diversas.

Ao participar deste estudo você será convidado a responder a um conjunto de perguntas de caráter pessoal seguindo uma instrução específica. Sua participação é voluntária e se dará em apenas um encontro, com duração de 20 à 30 minutos. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa, entrando em contato com os pesquisadores pessoalmente ou através dos telefones e endereços eletrônicos supracitados.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Devido a razões pessoais, procedimentos de testagem psicológica podem gerar algum desconforto social ou emocional. Os riscos são mínimos e é de responsabilidade do pesquisador zelar por sua integridade. Se por ventura, durante qualquer fase de sua participação, algum desconforto moral/emocional, como constrangimento, ocorrer, você poderá abandonar a pesquisa sem ônus e receberá orientação para buscar um serviço adequado à sua necessidade. Sua participação não envolve nenhum tipo de tratamento ou intervenção, portanto, não é esperado nenhum tipo de benefício psicológico direto decorrente de intervenções. Entretanto, como forma de retribuição à sua participação, lhe será oferecido os resultados correspondentes à sua participação, após o período de coleta e análise de dados. Ademais, esta pesquisa prevê benefícios de ordem científica, na medida em que a divulgação dos resultados pode contribuir no processo de desenvolvimento da psicologia e da ciência como um todo.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados gerados nesta pesquisa (folhas de resposta e resultados de testes) serão de responsabilidade dos pesquisadores, os quais manterão todo o material arquivado no Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica (NEAP), localizado na Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade universitária, Recife-PE. CEP. 50.670-901, pelo período de 5 anos.

Você não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Em caso de dúvidas em relação aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n -1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife - PE, CEP: 50740-600. Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.

---

(assinatura do pesquisador)

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo "**A avaliação de valores humanos por meio do Teste de Associação Implícita**" como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Recife, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

---

(assinatura do participante)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores).

---

Nome

---

Nome

---

Assinatura  
(Testemunha 1)

---

Assinatura  
(Testemunha 2)